

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

SET/OUT 83



NÚMERO 5



ÍNDICE

EDITORIAL

"Amem, Amém!"
Daniel Belvedere 3

ARTIGOS GERAIS

Oportunidade Para Milagres
Roy E. Graham 4

A PREGAÇÃO

O Controle da Qualidade — Um Passo
Simples Para Melhores Sermões 6
James Coffin

OBRA PASTORAL

Que Há num Nome?
James R. Hoffer 8

Encontro Matrimonial e Enriquecimento
Matrimonial — Como Saber a Diferença? 10
Roger L. Dudley

Labutando em Favor de Pessoas Hostis 12
D. Douglas Devnich

A ESPOSA DO PASTOR

A Cor da Primavera é o Amor! 14
Bunnie Herndon

TEOLOGIA

Batismo: União com Cristo 16
Jorge E. Rice

O que Jesus Disse Sobre
a Justificação 18
Morris L. Venden

Jesus em Breve Virá! 20
Gordon M. Hyde

O Porquê da Pregação e do
Ensino da Mordomia 22
Roberto R. Roncarolo

ARQUEOLOGIA

Cesaréia Marítima: A Cidade de Herodes 23
V. Bailey Gillespie

O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 49 — Nº 5 SET/OUT 83

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Redator:
Naor G. Conrado

Colaborador Especial:
Daniel Belvedere

Colaboradores:
João Wolff

José C. Bessa
Alcides Campolongo
Severino Bezerra
Jefte de Carvalho

Direção de Arte:
Rogério Sorvillo

Progr. Visual:
César Luís Pagani

Assinatura Anual:
Cr\$ 1.200,00

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
Caixa Postal 12-2600
70279-Brasília, DF

6295

Capa: W. Scott



Editado
bimestralmente
pela Casa
Publicadora
Brasileira,

Av. Pereira Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo



«Amem Amém!»

Na página de rosto do programa de atas de 1981, o Movimento Nacional de Ação de Graças do Brasil escreveu a eloqüente frase que, mais do que um conjunto de palavras, expressa toda a essência do cristianismo: "Amem, Amém!" Sem dúvida, era isso que Jesus queria dizer em Sua oração no horto, ao clamar: "Eu neles e Tu em Mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que Tu Me enviaste, e os amaste como também amaste a Mim... Eu lhes fiz conhecer o Teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que Me amaste esteja neles e Eu neles esteja." S. João 17:23 e 26.

Credencial

Indubitavelmente, no esquema divino essa é a credencial ministerial, antes que o documento legal. "Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros." S. João 13:35. Esse amor não somente deve ser expressado aos crentes, mas também aos impenitentes (S. Mateus 5:46).

Evidentemente, só amando como Cristo amou seremos capazes de viver nosso ministério, deixando tudo, pregando o evangelho e, se for necessário, morrer pelo Senhor.

O Mundo Espera

A metade dos habitantes do mundo não tem praticamente relação com o cristianismo; a quarta parte dos mais de quatro bilhões de habitantes do planeta são pessoas não cristãs que vivem entre a outra quarta parte dos seres humanos que dizem ser cristãos. Eles também são filhos de Deus, embora não O conheçam; mas poderiam conhecê-Lo e aceitá-Lo se vissem em nós as credenciais do amor cristão.

O Céu Espera

Somos embaixadores (II Cor. 5:20) do reino do amor. Por isso o Senhor recomenda: "Amái a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos de vosso Pai que está nos Céus; porque faz que o Seu Sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos. Pois, se amardes os que vos amam, que galardão haveis? não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? não fazem os publicanos também assim? Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus." S. Mateus 5:44-48, Almeida, antiga.

Daniel Belvedere

Oportunidade para milagres.

Roy E. Graham

Professor de Teologia no Seminário Teológico da Universidade Andrews.

Hoje em dia, há uma crise de crença. Tornou-se comum pôr em dúvida a aplicabilidade do cristianismo à década dos anos oitenta, ou, pelo menos, perguntar como ele pode acomodar-se ao tempo presente. Jesus falava a sério ao dizer o que Ele disse sobre a fé, a oração e o recebimento do poder do Espírito Santo?

A Tecnologia Não é Suficiente

Tais questões de relevância e eficácia aguilhoam insistentemente nossa consciência hoje em dia porque nas esferas tecnológicas e científicas dominadas pelos homens, as coisas surtem efeito e as promessas se cumprem. Seres humanos têm andado sobre a superfície da Lua e retornado à Terra. Muitos continuam vivendo e trabalhando após complicadas e arriscadas intervenções cirúrgicas. As viagens em aviões a jato e a observação por meio de satélites como que encolheram o mundo, e o desenvolvimento do programa espacial poderá diminuir ainda mais as distâncias. Apertando alguns botões em nossos próprios lares, podemos falar quase que imediatamente com a maioria das regiões do mundo. O resultado de toda essa habilidade tecnológica é que numerosas pessoas estão dispostas a arriscar a vida na competência e nas produções de seus semelhantes no âmbito científico. Mas bem poucos arriscariam a vida pelas verdadeiras relacionadas com a Encarnação e a Ressurreição, como fizeram os primeiros cristãos.

Contudo, os homens ainda não estão realmente contentes ou satisfeitos. Com freqüência, suas perguntas são mais anelantes do que desdenhosas. Sua procura pode ter uma aparência de casualidade, mas quando conseguimos remover



Arq. Case

a camada superficial, verificamos que sua investigação é bem real e, às vezes, desesperada. No fundo, o homem necessita de fé, e ele o sabe. Em meio de sua desorientadora selva tecnológica ele anda em busca de clara orientação e caminhos seguros. Cercado de todo o conforto e enlevado pela música estereofônica de seus artistas favoritos, necessita de mais alguma coisa para abafar as incisivas perguntas acerca da vida e da morte.

Por vezes, em seu desespero, volve as costas para tudo que a tecnologia pode oferecer, e procura um deus, até mesmo o Deus, por meio de narcóticos, substâncias alucinatórias e outros processos de evasão. Mas, se consegue sobreviver, estará de volta ao intenso calor dos sóis científicos de sua própria invenção, ao anseio por proteção, poder, orientação e uma fé proporcional ao sistema de vida na era dos computadores.

Cristianismo Genuíno

Noutra época, o que conhecemos como cristianismo do Novo Testamento demonstrou ser exatamente semelhante fé. Na realidade, é o evidente contraste entre o cris-

A tecnologia pode suprir as necessidades físicas e temporais do indivíduo, porém, queda-se impotente ante a ânsia espiritual da alma.

tianismo, da maneira como o conhecemos hoje em dia, e o que se distingue no relato do Novo Testamento como original e genuíno, que frustra nossas tentativas para dar uma resposta aos que põem em dúvida a aplicabilidade do cristianismo à década de 1980. Será que isso sucedeu simplesmente porque o primeiro século era uma época de credulidade? O poder da superstição dominava a sociedade, tornando-o mais fácil? As pessoas eram diferentes? O tempo alterou a natureza e as necessidades humanas? Os expositores do cristianismo no primeiro século estavam à frente de seu tempo no tocante às técnicas de promoção e relações públicas? Os apóstolos eram meramente hábeis vendedores, ou mesmo trapaceiros? Tudo não passava de uma fantasia?

Como quer que sejam encaras essas questões, cumpre lembrar que desde o começo o cristianismo do Novo Testamento foi imediatamente relevante. Ninguém fazia essa pergunta. O que eles queriam saber era o segredo detrás de sua relevância. Observe atentamente Atos 4:7-13. No dia anterior ocorrera um admirável milagre. Os resultados eram claramente evi-

dentes para todos: um coxo que suportara sua enfermidade por mais de quarenta anos agora estava andando e saltando sobre pernas curadas. Ninguém perguntou se a pregação dos que realizaram a cura e o que eles tinham efetuado era verdade ou relevante. Os fatos falavam por si mesmos. A preocupação era a seguinte: "Com que poder, ou em nome de quem fizestes isto?" Verso 7. Quando o povo observou o que ocorrera, a premente questão foi expressa de maneira bem simples: Qual é o segredo de vosso evidente dinamismo? Quem é a fonte de vossa incontestável autoridade?

O relato dessa notável ocorrência se encontra em Atos 3:1-10. Note tanto o conteúdo como os contrastes. Pedro e João prosseguem a vida religiosa; eles se dirigem ao templo para orar e prestar culto. O pedinte fora coxo desde quando conseguia lembrar-se. Sempre tivera de depender dos outros. Ouvira falar do operador de milagres, Jesus de Nazaré, o qual freqüentemente parecia estar nas proximidades de Jerusalém. Finalmente alguns amigos o levaram à cidade, mas foram saudados com a notícia de que o Nazareno tinha sido crucificado! O coxo ficou profundamente decepcionado. Agora ele teria de ser colocado diariamente junto à porta do templo para continuar a pedir esmola. A porta se chamava Formosa, mas a presença desse homem nesse local certamente não constituía uma bela cena.

Quando Pedro e João se aproximaram, ele sentiu algo diferente, pois atenderam ao seu pedido. Esperou ansiosamente pela almejada moeda. E então veio o desapontamento. Não havia dinheiro disponível; não haveria doações materiais. Que era isso, porém? "Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!" V. 6. A fé se fez sentir. O fortalecimento físico foi seguido de avivamento espiritual, e ocorreu o milagre da transformação. Esse indivíduo que antes era coxo e indigente tornou-se sadio e independente, com uma nova perspectiva à sua frente. Agora ele podia enfrentar a vida com o poder de Deus. Não admira que sua cura causasse consternação nas pessoas religiosas que não viam tal poder em sua própria vida e tal excitação entre os que procuravam o que era genuíno.

Lições Para Hoje

Neste incidente do Novo Testamento há um desafio para nós como ministros desse mesmo evangelho uns dois mil anos mais tarde. É o desafio de demonstrar verdadeiro

Podemos transferir as pessoas para outros ambientes; podemos procurar reabilitá-las por diversos métodos, mas a única cura para a humanidade claudicante é aceitar o oferecimento que Deus fez por meio de Jesus Cristo.

cristianismo. Hoje é a oportunidade para milagres. O que o Espírito Santo nos ensina por meio desse acontecimento?

1. *Entre a rotina de deveres e interesses religiosos, há a diária e pungente necessidade da humanidade claudicante.*

Esta não é uma necessidade recente; os homens nasceram assim. Todos são pecadores, e soluções meramente humanas não satisfirão sua necessidade. Outras pessoas não tão prejudicadas, pelo menos fisicamente, estão dispostas a atirar-lhes uma moeda, insistir com as autoridades da assistência social para proverem mais recursos, procurar melhorar-lhes a vida de diversos modos, mas nenhuma dessas providências atinge a raiz do problema. A humanidade claudicante e necessitada precisa experimentar um milagre espiritual. Portanto, quando Pedro teve de dar uma explicação, ele afirmou: "Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos." Atos 4:12.

Podemos transferir as pessoas para outros ambientes; podemos procurar reabilitá-las por diversos métodos, mas a única cura para a humanidade claudicante é aceitar o oferecimento que Deus fez por meio de Jesus Cristo.

2. *A humanidade busca a solução de seus problemas em coisas materiais.*

Foi isso que o coxo solicitou. É nesse sentido que as pessoas buscam segurança. Alguns reconhecem que sua necessidade vai além das coisas materiais. Mas, então ficam desalentados e se voltam novamente para o "ouro e a prata". O ensino do Fundador do cristianismo sintetizou a impropriedade dessa tentativa. Jesus declarou que "a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui" (S. Lucas 12:14). A vida é mais do que dólares ou cruzeiros, casas e carros, móveis e televisões a cores, barcos e casas de férias, consecuições educacionais e apólices

de seguro. A única solução para a claudicação humana está no milagre realizado quando o poder de Cristo é recebido na vida.

3. *A humanidade claudicante está junto à Porta Formosa — fora da Igreja.*


Esta é a oportunidade da Igreja, a oportunidade para milagres. Na realidade, não devia haver aleijados dentro da Igreja, pois Cristo restaura. Talvez haja os que tropeçaram e quebraram uma perna ou se feriram temporariamente, e devemos atendê-los. Mas o nosso constante desafio é o mundo necessitado. A penetração não é opcional. A obra de restauração foi determinada por Deus.

4. *Os instrumentos para satisfazer as necessidades da humanidade são seres humanos que foram transformados.*

O plano de Deus é que aqueles que experimentaram o poder transformador e revivificaram em sua própria vida partilhem essa experiência com outros em necessidade. "O que tenho, isso te dou" (Atos 3:6), disse Pedro. A companhia de Cristo na vida de Pedro demonstrou ser suficiente. Como ministro do evangelho, que você tem para dar aos outros? Você e eu precisamos ter alguma coisa para oferecer, e saber que produz resultado. Quando nosso senso de valores é transformado, apresentaremos isso aos que estão em necessidade. "O evangelho que apresentamos para a salvação das almas deve ser o evangelho pelo qual nós mesmos sejamos salvos." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 469.

Note que Pedro tomou o necessário pela mão e o ajudou a levantar-se. Embora Deus realize a tarefa por Seu Espírito, o instrumento humano também desempenha uma parte. Não podemos cumprir nossa missão por entrevistas no escritório ou telefonemas. Você e eu precisamos estar pessoalmente empenhados no contato direto com almas necessitadas.

A única cura para a humanidade claudicante é receber a Jesus Cristo como Senhor. Os coxos espirituais jamais se porão em pé por intermédio de alguma outra pessoa ou por outro meio. Não há outro evangelho de vida, senão o Evangelho de Jesus Cristo.

O cristianismo genuíno é tão relevante na década dos anos oitenta como sucedeu no mundo dos apóstolos, no primeiro século. Por conseguinte, nossa tarefa, como pastores adventistas do sétimo dia, é demonstrar em nossa vida e em nosso ministério que a oportunidade para milagres ainda existe. 

O Controle da Qualidade – Um Passo Simples para Melhores Sermões.



Arq. Casa

James Coffin

Pastor assistente da Igreja ASD
"Avondale Memorial", Cooranbong,
Austrália.

Nenhum pastor quer ser um pregador maçante. Nenhum pastor gosta de pensar que os membros de sua igreja aguardam cada um de seus sermões com uma espécie de resignação. Nenhum pastor quer admitir que suas exposições são confusas e difíceis de serem acompanhadas. Mas permanece o triste fato de que tal é realmente o caso em maior número de vezes do que gostaríamos de admitir.

Esta lamentável situação persiste a despeito do fato de que muitos de nós não temos gasto pouco dinheiro e tempo para adquirir e ler livros sobre como melhorar nossos sermões. No entanto, as técnicas e sugestões que esperávamos fossem revolucionar nossas apresentações, de algum modo não corresponderam a nossas expectativas. Não porque as sugestões não sejam válidas. Mas, como pastores atarefados, temos dificuldade para lembrar — quanto mais para executar — o grande número de recomendações e advertências que encontramos em nosso estudo dos livros especializados. E como estamos ocupados, nossos sermões prestes a ser proferidos amiúde são julgados pelo único critério: É este um "bom" sermão?

Semelhante análise qualitativa e não específica talvez seja melhor do que nenhuma avaliação crítica. Mas seria muito mais benéfico se cada pastor tomasse tempo para determinar em sua própria mente quais são os critérios mais significativos e fundamentais aplicáveis a cada sermão, quer seja doutrinário, devocional, evangelístico, filossófico, expositivo ou apoloético.

Com isto não estamos desprezando os primorosos detalhes pelos quais os sermões podem ser consideravelmente melhorados. Assegura, porém, que todo sermão seja examinado criteriosamente para ver se contém pelo menos os requisitos básicos de um bom sermão. Esse processo não requer muito tempo, mas pode fazer maravilhas para melhorar os sermões.

Os critérios pelos quais procuro elaborar e avaliar meus próprios sermões são seis perguntas simples, porém muito importantes. Eu as divido equitativamente em duas categorias: conteúdo e elaboração. Os três pontos que seguem constituem a base de minha avaliação do conteúdo dos sermões que preparo:

1. O sermão é cristocêntrico? Jesus disse: "E Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim mesmo." S. João 12:32. O verso 33 torna claro que Ele estava falando de Sua morte na cruz. No entanto, não é menos verdade que se Cristo for exaltado no púlpito, atrairá pessoas a Si mesmo. Onde Cristo não é exaltado, o povo perecerá por falta da nutrição e do refrigério que só Ele pode proporcionar. Todo sermão, quer seja uma exposição sobre o Antigo Testamento, uma apresentação sobre Mordomia Cristã ou um prólogo para a Santa Ceia, deve ser cristocêntrico.

Tornar o sermão cristocêntrico não significa necessariamente falar diretamente sobre Cristo — embora certamente não falemos em demasia sobre Ele. Antes, tornar o sermão cristocêntrico significa que ele deve ser uma representação do amor de Deus em Cristo, mesmo

que o assunto seja a destruição dos pecadores, e que deve ser apresentado no contexto da salvação oferecida gratuitamente em Cristo. Quando Ele é introduzido assim em todo discurso, até os assuntos mais penosos podem ser expostos de um modo que não desperte hostilidade nem afaste os ouvintes.

2. O sermão apresenta a "vida abundante"? Jesus declarou: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância." S. João 10:10. João escreveu suas epístolas "para que a nossa alegria seja completa" (I S. João 1:4). Com efeito, tudo que Deus pede de nós é intrinsecamente superior às outras alternativas.

Com demasiada frequência dizemos às pessoas que elas devem fazer algo ou enfrentar as conseqüências; fazê-lo, senão... Semelhante tentativa de aproximação pode ter produzido resultado — pelo menos na aparência — nas décadas ou nos séculos que se foram. Mas é completamente imprópria hoje em dia. Na atualidade precisamos de sermões que realcem a beleza de cada aspecto da verdade de Deus. Desde a alegria oriunda de partilhar nossos recursos, até a conveniência e realização do viver saudável, ou até o simbolismo expresso no batismo, tudo isso é intrinsecamente belo e compensador, e deve ser apresentado como tal. A vida abundante é uma forma de motivação muito mais eficaz do que o medo de perder-se. Os pregadores, hoje em dia, devem ser os melhores vendedores do mundo, e não os feitos mais exigentes.

3. Experimentei pessoalmente aquilo sobre que estou falando? Quando lhes foi ordenado que deixassem de pregar ou enfrentassem as conseqüências, Pedro e João declararam sem hesitação: "Nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos." Atos 4:20. Há algo relacionado com a experiência pessoal que confere ao orador um entusiasmo que não pode ser reprimido. Tanto João como Pedro, em suas epístolas, salientam sua ligação pessoal com Jesus. E enquanto nós pregadores não pudermos colocar-nos detrás do púlpito e recomendar a nossos ouvintes o que sabemos que é verdade por experiência pessoal, não haverá autoridade em nossos discursos, e só bem pouca vida.

Pregar da experiência pessoal não significa, é claro, estar sempre contando experiências pessoais. Os sermões devem exaltar a Cristo, não o próprio eu. Pregar da experiência pessoal significa — isto sim — que nós mesmos lutamos com as

questões, que chegamos ao ponto em que irrompeu a luz, e, incentivados pelo gozo que experimentamos, recomendamos que a expectante congregação partilhe o que "vimos e ouvimos". Toda doutrina, toda biografia bíblica, toda exposição deve primeiro ter tocado a vida do pregador, para que seja pregada de tal maneira que comova a vida dos ouvintes.

São estes, portanto, os meus critérios para avaliar o conteúdo de meus sermões. São simples, mas os considero essenciais. Sejam quais forem os critérios adotados, à medida que eles se tornam mais familiares, não somente constituem a base para avaliação crítica, mas também uma fórmula para o devido preparo de sermões. Em breve, os sermões corresponderão naturalmente aos requisitos estabelecidos anteriormente.

Entretanto, ter meramente algo importante para dizer não significa que será expresso automaticamente de uma forma que as pessoas assimilem com facilidade. Deve-se dar cuidadosa atenção à estrutura do sermão. Eis as perguntas que faço sobre a forma de meus sermões:

1. *Tenho um alvo bem definido, uma introdução que atraia a atenção e uma conclusão vigorosa e concisa?* Todo sermão deve ter um objetivo bem definido. O pastor não tem a obrigação de preencher um período de tempo específico na hora do culto. Mas ele tem a obrigação de alimentar o rebanho. Deve ter um alvo, e todo aspecto de seu sermão sempre deve avançar em direção desse alvo.

O pregador não somente precisa saber para onde está indo, mas também levar a congregação consigo, desde o começo. As pessoas geralmente decidem se vale a pena prestar atenção a um orador nos primeiros minutos de sua palestra. Convém considerar meticulosamente como introduzir o sermão de um modo que prenda a imaginação e o interesse da maioria dos ouvintes: jovens e idosos, membros e visitantes, consagrados ou não.

A conclusão é de suma importância. Bons pregadores gastam o que talvez pareça uma quantidade de tempo totalmente desproporcionada preparando os últimos dois ou três minutos de seu sermão. Esses pregadores sabem, porém, que se a conclusão não for enfática, concisa e comovente, o sermão, em grande parte, terá sido pregado em vão. Com frequência, é útil escrever todas as palavras da conclusão e estudá-las diligentemente, pois assim, quando certas palavras e frases bem selecionadas forem apre-

Pregar da experiência pessoal não significa, é claro, estar sempre contando experiências pessoais. Os sermões devem exaltar a Cristo, não o próprio eu.

sentadas, fluirão de maneira mais espontânea, estimulando a congregação a dar o passo desejado.

2. *Escolhi um assunto que poderia expor adequadamente numa só apresentação, e rejeitei toda bagagem desnecessária?* Mark Twain afirmou que bem poucos pecadores se converteram depois das 12:00 horas! Os sermões devem ser curtos e oportunos. Por melhor que seja a apresentação, há um limite para o que a congregação pode assimilar de uma só vez. Alguns professores de homilética asseveram que todo minuto de pregação após as doze horas da manhã desfaz a eficácia de dois minutos pregados antes das doze; e se ele passar dez minutos além do tempo estipulado, como que terá anulado todo o seu sermão.

Obviamente, alguns assuntos requerem mais tempo do que outros. A exposição de alguma passagem complicada pode requerer mais tempo do que um sermão devocional. Porém, se o pregador, sabendo exatamente o que deseja dizer, dirigir-se para o alvo, não se deixando desviar por pormenores que não são essenciais (embora sejam interessantes), conseguirá percorrer uma grande distância num tempo relativamente curto. Se o pregador perceber que ainda terá falta de tempo, se bem que o sermão esteja isento de superfluidades, talvez convenha fazer planos para apresentar o assunto como uma série, e

não como uma só unidade. E sua congregação será grandemente abençoada por isso — para não mencionar que eles o bendirão grandemente!

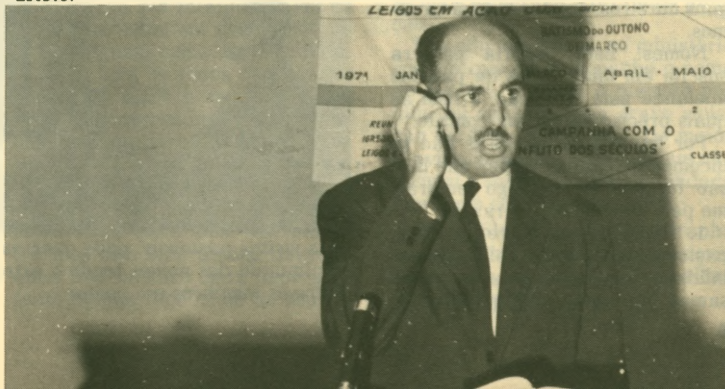
3. *O sermão tem uma seqüência lógica e fácil de ser lembrada?* Clara organização da parte do pregador é uma condição prévia para rápida assimilação dos detalhes por parte dos ouvintes. Se o ponto A não se coaduna, natural e obviamente, com os pontos B e C, poucos ouvintes gastarão seu tempo decidindo o mistério. Além disso, aquilo que é muito bem estruturado será lembrado com mais facilidade, tanto pelo pregador como pelos ouvintes.

Há uns onze anos, assisti a um discurso de formatura, e até hoje consigo recordar cada um dos pontos apresentados. Esses pontos não eram excepcionalmente profundos, e a apresentação não foi excepcionalmente dinâmica. O segredo de minha notável recordação é a clareza da organização do orador. Ele só apresentou três pontos, mas os inculcou tão vigorosamente que permanecem em minha memória até hoje.

Como pregadores, talvez não sejamos os mais profundos pensadores do mundo, nem os maiores oradores. É muito provável que não lembremos — e muito menos ponhamos em prática — todos os requisitos da apropriada elaboração dos sermões. Se, porém, estabelecermos um sistema de controle de qualidade para os nossos sermões — um sistema simples que possa tornar-se o método de nossa preparação de sermões e a base de nossa própria avaliação crítica, e se aderirmos tenazmente aos critérios que nós mesmos achamos essenciais, nossa pregação assumirá um novo aspecto, nossos sermões terão novo poder e pesquisadores famintos e sedentos serão conduzidos a Cristo, onde sua alma ficará satisfeita. ■■

Os recursos retóricos e homiléticos devem estar aliados ao indomável anseio de gravar nas almas a mensagem de Cristo.

Arq. Casa



QUE HÁ NUM NOME ?

James R. Hoffer

Pastor distrital na Associação de Michigan, E.U.U.

— Pastor, se eu não receber logo uma resposta, escreverei para o pastor de alguma outra igreja!

A Sra. A estava indignada e decepcionada, e com razão. Como membro de minha congregação, ela escrevera para o pastor de uma igreja adventista de um Estado vizinho, pedindo que visitasse sua neta, cujo marido trabalhava numa base militar perto dessa igreja. Não veio nenhuma resposta. Depois de algum tempo, a neta e o marido foram transferidos para uma base noutro Estado. Foi enviada outra carta a um pastor desconhecido, no endereço mencionado no *S.D.A Directory of Churches*. Novamente não houve resposta.

A Sra. B, que recentemente foi batizada em minha igreja, tem uma irmã num Estado do Oeste Americano. Ela partilhou prontamente sua nova fé com a irmã por meio de cartas, folhetos e telefonemas. Agora essa pessoa desejava ser visitada por um pastor. Eu escrevi e escrevi, e finalmente telefonei para a associação local, a fim de obter o endereço e o número do telefone do pastor. Ele acabou fazendo a visita, mas parece que de modo relutante. Uma visita, e nada mais! Nenhum apelo para estudos bíblicos, nenhuma tentativa para tornar a comunicar-se com essa pessoa ou para convidá-la a ir à igreja. Essa senhora agora está freqüentando uma igreja de outra denominação.

Relatos como estes, infelizmente, são muito comuns. Revelam grave falta de interesse, da parte de alguns obreiros, em dar atenção a nomes.

Nome! Esta própria palavra suscita em mim visões de pessoas anelando pela salvação, e com as quais preciso entrar em contato.

Por que alguns pastores não se incomodam com os nomes que lhes são fornecidos? Consigo lembrar-me pelo menos de três razões:

1. *Prioridades incorretas.* Como pastores, nossa principal responsabilidade deve ser as pessoas. Precisamos aprender a equilibrar a

quantidade de tempo que dedicamos ao estudo, à pregação, à visitaçãõ dos membros, aos estudos bíblicos, ao aconselhamento, aos trabalhos de escritório e a outros deveres. Se não estamos passando muitas e muitas horas por semana nos lares das pessoas, lamentavelmente há algo errado em nossas prioridades. E se não conseguirmos corrigir esse desequilíbrio, não pertencemos ao ministério *pastoral*. Aos que, como eu, dão grande ênfase à pregação, posso dizer que o maior fervor na pregação não provém da leitura de livros junto à lareira, mas de colocar-se na linha de fogo!

2. *Falta de organização.* Nomes escritos em pedaços de papel de tamanho irregular, espalhados por toda parte, mal organizados e classificados (ou pior ainda, confiados à memória), jamais produzirão os batismos que desejamos. O pastor que não aprendeu a organizar seus nomes para visitaçãõ fica seriamente prejudicado. Gastar um pouco de tempo para elaborar um arquivo de interessados será muito compensador. Para o pastor, a falta de organizaçãõ torna-se um verdadeiro pecado, fazendo com que candidatos ao Reino sejam negligenciados ou perdidos de vista.



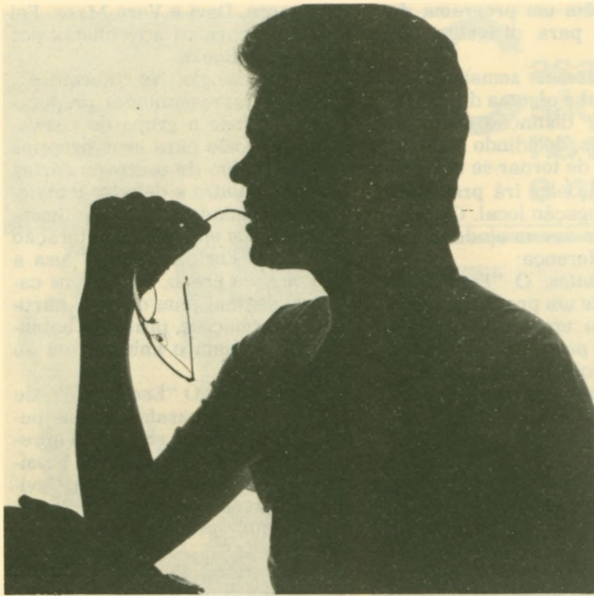
Otto

Afirmam os especialistas, que o som mais doce para um homem é o de seu próprio nome.



Arq. Casa

Nas visitas pastorais, onde quer que se realizem, a menção continuada dos nomes tende a estreitar os laços de simpatia entre os membros e o pastor.



Werner

... e ele chama pelo nome as suas ovelhas ... João 10:3.

Meu próprio sistema de organização talvez não seja conveniente para vós, mas eu o menciono aqui como exemplo. Ele gira em torno dos próprios nomes, da situação geográfica e do tempo destinado à visitação.

Todos os nomes de qualquer fonte são datilografados em cartões Rolodex 4 por 6 (adquiridos no Evangelistic Supply Center, P. O. Box 4353, Washington, D. C. 20012, (202) 291-2035). Coloco os nomes de interessados inativos num fichário ou arquivo, em ordem alfabética (pelos sobrenomes), de acordo com os limites de cada cidade ou seção do correio. Esses nomes só são usados para fins de correspondência e para visitação durante as duas primeiras semanas de uma série evangelística, a fim de determinar alguma modificação no nível de interesse. Em todas as remessas de correspondência é solicitado que o endereço seja corrigido ou atualizado, e é fornecido o endereço da igreja, de modo que possamos atualizar constantemente os nossos arquivos.

Nomes de interessados semi-ativos vão para uma seção do arquivo usada para a remessa do boletim mensal de nossa igreja, o qual é enviado a interessados semi-ativos e ativos, bem como aos membros. O boletim sempre é preparado de tal maneira que esses indivíduos sintam uma parte do que acontece em nosso distrito. Esses nomes semi-ativos recebem uma visita ocasional.

Os nomes dos interessados ativos e das pessoas que estão recebendo

estudos bíblicos são organizados geograficamente e também de acordo com o dia da semana em que eu visito essa região. Quatro tardes e noites por semana são dedicadas para isso, complementadas pela visitação em outros dias, se for necessário. A lista da igreja também é dividida geograficamente, de modo que as visitas aos membros possam ser intercaladas durante o dia, em cada uma das regiões visitadas.

Manter esse registro talvez pareça ser enfadonho para alguns; por isso, a melhor ocasião para fazer as anotações nos cartões de visitação é no automóvel, logo após a visita. Naturalmente, deve-se fazê-lo fora do alcance da vista da pessoa ou da família que acaba de ser visitada!

3. *Dificuldade para aprender nomes.* A afirmação antiga: "Nunca me esqueço do semblante das pessoas, mas não consigo lembrar nomes" é verdadeira demais para numerosos indivíduos. Às vezes este problema pode resultar na omissão de nomes em nosso programa de visitação. No entanto, em vez de erguer as mãos em desespero, façamos alguma coisa neste sentido.

Seria bom se todos os pastores pudessem fazer o curso de Dale Carnegie e aprender suas excelentes técnicas para decorar nomes. Porém, mesmo sem esse preparo, um pouco de tempo adicional para superar essa debilidade operará maravilhas para nós. Ao encontrar-nos com uma pessoa devemos obter uma vívida e clara impressão tanto de sua face como de seu no-

me. Então convém repetir o nome tanto mental como oralmente. Não deve ser motivo de embaraço pedir que alguém repita o seu nome, pois a maioria das pessoas gostam disso. Também aprendemos a efetuar certas associações interessantes, ou a usar diversos artifícios de memorização. Informações mais completas se encontram no livrete *How to Remember Names* ("Como Lembrar Nomes"), publicado por Dale Carnegie & Associates, Inc., 1475 Franklin Ave., Garden City, NY 11530.

Nossa mente é bem mais capaz de recordar pormenores do que supomos. Geralmente não retemos certos nomes na memória porque não nos aplicamos a essa tarefa.

Que há num nome? Atrás de cada um deles oculta-se uma alma para o eterno reino de Deus. Aquele visitante na igreja, a nova família que se mudou recentemente para a nossa cidade, aquela pessoa no hospital, aquele indivíduo afastado da igreja, os interessados da Voz da Profecia — todos merecem nossa mais esmerada e profunda atenção.

Quando um colega no ministério solicita que eu acompanhe o nome de alguém, e passo a questão por alto, foi causada uma grave violação da ética ministerial. De maior gravidade ainda é o fato de que não cumpro a sagrada responsabilidade que Deus colocou sobre mim.

Oxalá Ele perdoe nossa estranha negligência e nos impressione novamente com o privilégio de trabalhar com nomes! ■■

Como pastor, talvez você esteja um tanto confuso com a atual variedade de programas destinados a estabelecer melhores casamentos e lares mais felizes. Entretanto, dois programas na Igreja Adventista do Sétimo Dia têm organizações e dirigentes de âmbito nacional que correspondem bem de perto a seus respectivos modelos. São os seguintes: *Adventist Marriage Enrichment* ("Enriquecimento Matrimonial Adventista") e a modalidade adventista de *Marriage Encounter* ("Encontro Matrimonial"), doravante designados como "Enriquecimento" e "Encontro".

Os dois modelos têm uma porção de coisas em comum:

1. Ambos adotam a aproximação preventiva. Procuram tornar melhores os bons casamentos, em vez de salvar os que estão naufragando.

2. Ambos se concentram na unidade espiritual. Deus Se torna o centro de toda atividade conjugal.

3. Ambos lidam intensamente com habilidades de comunicação. Os casais são ensinados a partilhar um com o outro, especialmente no âmbito sentimental, de um modo que produza mútua compreensão e intimidade.

4. Ambos ensinam resolução de conflitos. Os casais aprendem a ser sinceros um com o outro, sendo ao mesmo tempo amorosos.

5. Ambos ensinam o valor da afirmação e do apreço.

6. Ambos iniciam a experiência com um seminário de fim de semana, desde sexta-feira à noite até domingo à tarde.

7. Ambos continuam a experiência com capítulos de reforço, em reuniões periódicas.

8. Ambos têm um programa de adestramento para dirigentes de seminários.

Em vista dessas semelhanças, talvez você tenha alguma dificuldade para fazer distinção entre os dois programas, decidindo em qual deles gostaria de tornar-se um dirigente, ou qual deles irá promover em sua congregação local. Os pontos que seguem devem ajudar a estabelecer a diferença:

1. *Antecedentes.* O "Encontro" foi adaptado de um programa católico e recebeu uma configuração adventista da parte de Al e Betty Brendel. "Enriquecimento" era originalmente uma organização secular (*Associated Couples for Marriage Enrichment*) dirigida por um ca-

sal quacre, Davi e Vera Mace. Foi adaptado para os adventistas por Ed e Letah Banks.

2. *Metodologia.* No "Encontro", são feitas apresentações preparadas para todo o grupo de casais. Então eles vão para seus próprios quartos, a fim de escrever cartas um para o outro e debater o material apresentado e seus sentimentos para com ele. Não há interação grupal. O "Enriquecimento" usa a dinâmica de grupo, na qual os casais se sentam num círculo, partilham informações, praticam habilidades e apóiam e animam um ao outro.

3. *Tamanho.* O "Encontro" pode receber tantos casais quantos puderem sentar-se no recinto da apresentação e para os quais for possível prover quartos separados. Devido à interação de grupo, o "Enriquecimento" precisa restringir-se a dez casais.

4. *Estrutura.* O "Encontro" é bem estruturado, e quase cada minuto é planejado cuidadosamente. O "Enriquecimento" é informal e flexível. É provida alguma estrutura, especialmente nas primeiras sessões, mas a direção que o seminário poderá tomar é determinada em grande parte pelos interesses e preocupações do grupo.

5. *Companheirismo.* O "Encontro" só incentiva a comunicação entre o marido e a esposa (mesmo durante o trajeto do local da reunião até os quartos separados). Deseja que o casal só se concentre um no outro durante o fim de semana.



Roger L. Dudley

Professor assistente de
Ministério de Igreja no
Seminário Teológico
da Universidade Andrews.

Encontro Matrimonial e Enriquecimento Matrimonial Como Saber a Diferença?

Casamentos bem consolidados são fator de estabilidade na igreja, na sociedade e na pátria.



Arq. Casa

O "Enriquecimento" incentiva o companheirismo de grupo, o relato de experiências, a oração com outros casais e o apoio mútuo.

6. **Localização.** O "Encontro" sempre ocorre num ambiente com aspecto de retiro, onde os casais tenham quartos separados e sejam providas refeições. Embora o "Enriquecimento" possa muito bem funcionar nesse ambiente, os casais geralmente ficam em casa e comparecem às reuniões do grupo, que podem ser realizadas numa escola, igreja ou casa.

7. **Custo.** Devido ao ambiente, o "Encontro" tem um custo muito maior do que o "Enriquecimento". No entanto, ambos os programas cobram apenas uma taxa nominal (15 a 20 dólares por casal), e não é excluído nenhum casal que não possa pagar. O "Encontro" cobre o resto de suas despesas com donativos. Os casais são informados do custo real e estimulados a fazer doações para futuros fins de semana, embora não sejam obrigados a efetuá-las.

8. **Liderança.** O "Encontro" requer uma equipe de quatro ou cinco casais que possam investir considerável tempo trabalhando juntos no desenvolvimento do programa. Portanto, geralmente é realizado em grandes centros adventistas onde possa ser obtida tal espécie de talento. O "Enriquecimento" só requer o casal dirigente, podendo portanto ser organizado quase que em qualquer lugar.

Com freqüência é formulada a pergunta: "Que programa é o melhor?" A resposta depende das pes-

Erio



Erio

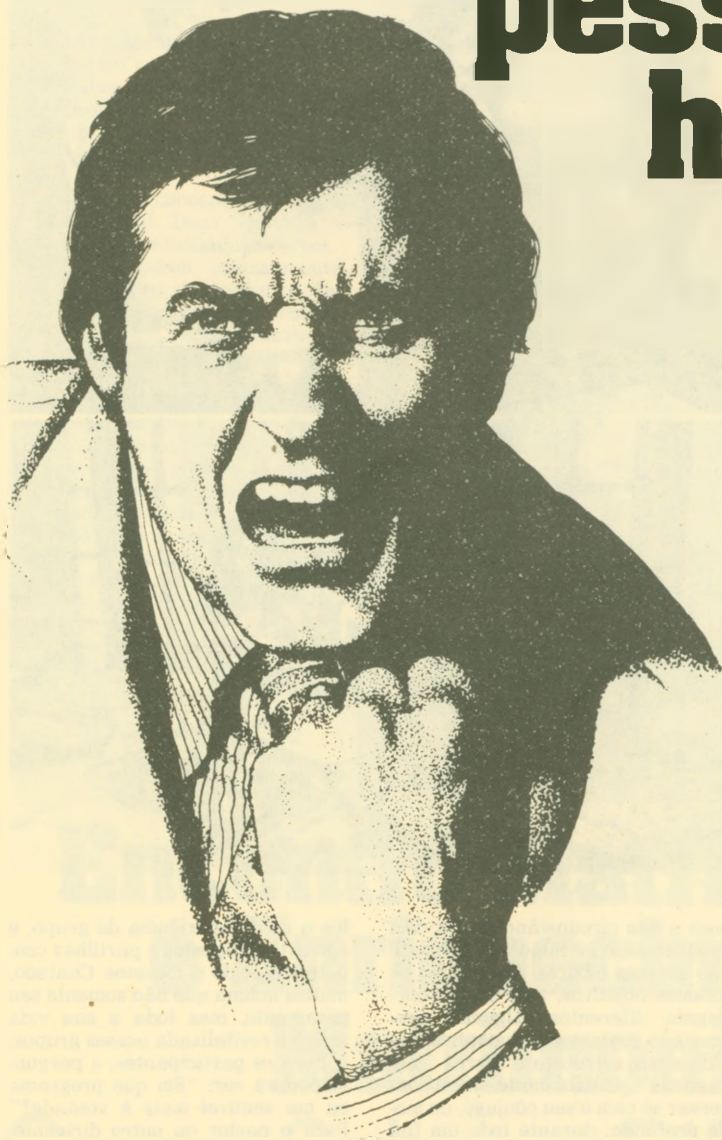
soas e das circunstâncias. Os dois programas não estão em competição um com o outro. Ambos têm os mesmos objetivos, mas usam abordagens diferentes. Algumas pessoas não gostam do "Encontro" devido a sua estrutura e regras "monásticas". Achar muito difícil conversar só com o seu cônjuge, de modo profundo, durante todo um fim de semana. Por outro lado, muitos acharão que será uma experiência tendente a modificar a vida.

Alguns não querem ter nada que ver com o "Enriquecimento". Olham com suspeita tudo que se assem-

leha a uma experiência de grupo, e não estão dispostos a partilhar com outros algo de si mesmos. Contudo, muitos acham que não somente seu casamento, mas toda a sua vida cristã é revitalizada nesses grupos.

Para os participantes, a pergunta poderá ser: "Em que programa eu me sentirei mais à vontade?" Para o pastor ou outro dirigente, talvez seja a seguinte: "Que programa se adapta melhor a meu estilo de liderança pessoal?" A igreja poderá perguntar: "Quais os recursos que possuímos para desenvolver esses programas?"

Labutando em favor de pessoas hostis.



D. Douglas Devnich
Secretário de Ministérios da Associação
Alberta dos ASD.

Grande parte do tempo os pregadores dirigem seus sermões à multidão correta ou errada para ouvir o evangelho; mas, com demasiada freqüência, não atingimos certo grupo de pessoas porque lançamos nossa mensagem para fora do alcance de sua receptividade, embora elas também necessitem desesperadamente do evangelho.

Em quase toda congregação há quatro classes de ouvintes: Geralmente há uma multidão que chamamos de "crentes". Assemelham-se à "boa terra" na parábola do semeador contada por Jesus (ver S. Mar. 4:1-20). Então há "os semeados entre os espinhos". A vida secular é todo-absorvente. Ir à igreja é uma boa prática, mas a Palavra é sufocada por outras preocupações. Na terceira categoria estão os que duvidam — os ouvintes do "solo rochoso". Eles ouvem, mas o verdadeiro apelo do evangelho se estiola sob o calor do debate e da argumentação intelectual. Finalmente, há as pessoas "hostis", comparáveis aos da beira do caminho, que raramente são tocados, se é que chegam a sê-lo, porque Satanás lhes endureceu o coração.

Destes quatro — os crentes, os apáticos, os cépticos e os hostis — quais são os mais preciosos para nosso Senhor Jesus? Todo pregador amoroso sem dúvida asseveraria que todos eles são almas preciosas. No entanto, qual grupo necessita mais do evangelho? A pergunta é apropriada.

Acaso não amamos o louvor e a reação dos "crentes" mais do que a truçência das pessoas "hostis"?

Um dia, como pastor, cheguei repentinamente à confrangedora compreensão de que quando eu pregava mensagens que despertavam a alma, não poupando o pecado e chamando-o pelo seu devido nome, aqueles que seguravam minha mão com mais firmeza, junto à porta, sempre eram os "crentes". Os apáticos, os cépticos e os hostis iam passando e sorriam complacentemente (às vezes). Agora decidi não dar muita importância aos cumprimentos dos "crentes". Eles já estão na igreja; aceitam tudo o que prego. Se, porém, verifico que meu sermão suscita o cumprimento de alguém dentre os apáticos, cépticos ou hostis, observo o que se passa, e sei que agora estou pregando o evangelho.

Para alcançar as pessoas hostis em nossas congregações precisamos usar os métodos de Jesus. A Bíblia menciona repetidas vezes que Ele andava por toda parte curando homens e mulheres. Não magoava os que estavam sofrendo, mas labutava compassivamente em seu favor. Foi declarado a respeito dEle: "Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja." S. Mat. 12:20. Não é verdade que as pessoas mais aflitas em nossas congregações são os indivíduos hostis? Quão freqüentemente, porém, temos ouvido (ou pregado) o "empolado" sermão ao qual os crentes têm acrescentado seu coro de "améns", fazendo com que os "hostis" saiam da casa de Deus ainda mais hostis? Que aconteceria se adotássemos a maneira como Jesus lidava com essas pessoas, segundo é relatado em S. Marcos 5:1-20?

O endemoninhado geraseno, um exemplo característico de hostilidade personificada, encontra-se na presença do Filho de Deus. Não poderíamos esperar uma longa enumeração de todos os erros que esse homem cometera em sua vida para que chegasse a essa situação desditosa? Certamente o Senhor proferirá um discurso sobre temperança e fará uma exposição sobre a infalível colheita que resultará de entregar-se aos desvarios da mocidade. Mas não! Jesus repreendeu o mau espírito, porém concedeu graça à pessoa "hostil". E qual foi a reação? O homem curado espiritualmente, em sua incontida adoração por seu Senhor, está agora preparado para o disciplinado. Quer andar para sempre com seu Salvador. Em harmonia com os métodos de Jesus, ele é incumbido de anunciar "tudo que o Senhor te fez, e como teve compaixão de ti" (verso 19).

Para alcançar as pessoas hostis em nossas congregações precisamos usar os métodos de Jesus.

Considere estas maneiras pelas quais você pode pôr em prática os métodos de Jesus para lidar com indivíduos hostis. Elas devem ser o pano de fundo contra o qual você desenvolva o assunto de seus sermões.

1. Identifique-se com as necessidades das pessoas por meio da visitação aos lares. A natureza de sua vocação como pastor com freqüência o exime de muitos dos problemas enfrentados por seu povo, e, sentindo-se abrigado, é fácil olvidar as tremendas lutas que seu povo enfrenta diariamente. Sentando-se com eles junto à lareira, você sente a dor dos pais devido a um filho ou filha rebelde. Poderá perceber a frustração por não saber como criar os filhos numa sociedade permissiva. Poderá sentir empatia por sua aflição em não ter dinheiro suficiente para pagar as contas. Poderá condoer-se deles quando desabafam seus sentimentos por terem sido explorados por um negociante inescrupuloso. Poderá imaginar sua profunda solidão quando o cônjuge é indiferente ou mesmo injurioso.

2. Torne-se acessível para ouvir o que as pessoas têm a dizer, mesmo que seja desagradável. Os indivíduos hostis, de modo especial, revelam suas necessidades naquilo que proferem. Como que ouvirá as causas de sua dor que precisa ser curada. Uma parte do processo de cura será determinada por sua boa vontade para ouvir. Quando um indivíduo tem a oportunidade de discorrer sobre os seus problemas, de debater suas hostilidades e seus verdadeiros sentimentos, haverá alguma cura. Ele comparecerá então à igreja para continuar a restabelecer-se espiritualmente.

3. Torne-se uma pessoa expansiva. Permita que as pessoas de sua congregação tomem conhecimento de suas próprias aflições. Transmita-lhes o realismo de suas próprias experiências. O apóstolo Paulo declarou: "Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o, com o espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado." Gál. 6:1. Se nos colocarmos acima da possibilidade de fracasso em qualquer sentido moral, logo nos

tornaremos críticos. Quando, porém, o próprio pregador compreende a graça de Deus, seu povo, depois de experimentar os efeitos dessa benevolência na vida pessoal, virá para ouvir mais a respeito de sua procedência. O sermão passará a ser o principal meio usado pelo pastor, não para enumerar pecados, mas para enaltecer a graça de Deus.

Quando as pessoas de sua congregação vêm ouvir o seu sermão apesar de enfrentarem dificuldades que amiúde suscitam formas de culpa e hostilidade, elas dizem muita coisa acerca de si mesmas. Ao vir com suas hostilidades aparentemente sublimadas, estão comunicando: "Confio em você; a despeito de minha ansiedade, medo e ira, desejo que penetre em minha alma e me conduza para fora de minha amargura." Estão lhe dizendo que sua compaixão e sua atitude perdoadora e amorosa prepararão o caminho para a recuperação. Se você é severo, frio, legalista e exigente, é improvável que elas se retirem sentindo que foram auxiliadas.

Um pregador, amigo meu, certa vez proferiu eloqüentemente um sermão cujo teor era que Deus espera que os pecadores deixem de pecar e os decentes comecem a crer. Foram enumerados diversos pecados, e condenou-se a insensibilidade para com o evangelho. O ponto culminante do sermão apelou para a consciência escatológica de todos os presentes. O novo céu e a nova Terra foram descritos em sua beleza edênica cotejada com a presença de Jesus. Comoventemente, o pregador perguntou:

— Quereis estar ali?

Fiquei sobressaltado quando uma jovem senhora que estava atrás de mim murmurou:

— Espero que não!

Tratava-se, obviamente, de uma pessoa jovem que comparecera à igreja naquele dia com uma disposição hostil. Não sei exatamente que havia em sua mente, mas suponho que ela era uma das numerosas pessoas "hostis" que aquele dia se retiraram da igreja com mais hostilidade ainda.

Não podemos, como Jesus, manifestar compaixão pelos que erram, pelos fracos e pelos que sofrem espiritualmente? É evidente que não precisamos olvidar os que já foram curados — os crentes. Preguemos, porém, as Boas-Novas da misericórdia de Deus de tal maneira que os indivíduos "hostis", os quais muitas vezes são passados por alto, desejem estar com seu compassivo Senhor pelo resto da vida e por toda a eternidade. ■■

„A cor da Primavera e o amor !

Bunnie Herndon
Esposa de um médico residente
em Corona, Califórnia.

A Terra gira pelo espaço num percurso anual em volta do Sol, rodando interminavelmente sobre o seu eixo inclinado. Esse eixo contém o segredo de nossas estações em constante mutação. Se em vez de pender exatamente 23,5 graus para um lado, o eixo da Terra fosse bem vertical, nosso globo apresentaria o mesmo aspecto ao Sol durante o ano todo. Não haveria primavera e verão, outono e inverno. Embora a Terra tivesse climas diferentes, não haveria estações diferentes, e perderíamos muita beleza e diversidade!

É fascinante descobrir que a inclinação da Terra nunca se altera à medida que ela faz seu giro anual em torno do Sol. É a contínua modificação das posições do planeta em relação com o Sol que ocasiona o desfile das estações. A parte superior, ou Hemisfério Setentrional, se inclina para o Sol no verão, e se afasta dele no inverno. Durante seu

avanço curvilíneo da posição mais afastada para a posição mais próxima do Sol, e vice-versa, ela passa pelas modificações intermediárias, e temos as estações de variação mais dramática: outono e primavera.

Há um momento exato, cada ano, em que o tique-taque do relógio separa o inverno e a primavera. É o momento — geralmente no dia 21 de março (no Hemisfério Setentrional) e 23 de setembro (no Hemisfério Meridional) — no qual o Sol atinge o Equador celestial, a linha imaginária através dos céus, diretamente acima do Equador da Terra. No exato momento em que o centro do Sol parece atravessar essa linha, as estações mudam oficialmente. Esse é o equinócio da primavera dos astrônomos antigos. Nesse momento, os raios solares incidem verticalmente sobre o Equador, e o dia e a noite têm igual duração em todas as partes do globo. A

partir desse momento, no Hemisfério Setentrional, as noites se tornam mais curtas e os dias vão se encurtando até o solstício de verão, que ocorre na segunda quinzena de junho. Por ocasião dos solstícios de verão e de inverno, há um breve espaço de tempo em que o Sol “fica parado no céu” e o verão ou o inverno começam a nascer à medida que o Sol inicia outra vez sua oscilação ponderosamente previsível em direção à Terra.

O equinócio da primavera decorreu na semana passada, e posso dizer que meu pequeno mundo está sendo atingido de modo mais direto pelos raios solares. Ele está inundado de cores e da agitação da vida. Felpudos amentilhos verde-amarelados bamboaleiam airoosamente dos ramos de carvalho. Um halo de corolas levemente rosadas circunda a manzanita (espécie de arbusto californiano). Pássaros migratórios despojaram os arbustos das bagas avermelhadas produzidas por eles. Os abacateiros estão perdendo suas folhas e cobrindo-se ao mesmo tempo de flores amareladas. Delicadas florescências de damascos, pêssegos e nectarinas adornam primorosamente as árvores e flutuam suavemente até o solo na amena brisa primaveril, como se fossem flocos de neve.

Sobre o telhado defronte da porta dos fundos há uma grande caixa de material elétrico. Anos atrás, um casal de corruiras estabeleceu ali o seu ninho, e de vez em quando cria nele diversos filhotes. Esse pássaro é pequenino, mas tem um coração de gigante e um gorjeio que parece ser interminável, sendo, porém, muito agradável, melódico e cadenciado. O volume e a duração dessa efusão melódica é surpreendente. Como pode provir de uma partícula de vida tão diminuta? O macho vigia atentamente o

Werner:



Um poeta diria que na Primavera, as cores voltam a sorrir e o ar se perfuma com o hálito das flores.

seu lar, atracando-se furiosamente com qualquer outra ave que ouse invadir o seu domínio! Muitas vezes fico sentada durante longos intervalos de tempo observando esse pequenino e agressivo chefe de família enquanto ele corteja, edifica, alimenta e adentra sua família.

Fico maravilhada com a variedade da Natureza na primavera! Um belo dia, cansada pelo muito trabalho literário, sentei-me ao sol, observando os pássaros. Olhei para o prado coberto de relva. Numerosas mamangabas amarelas e pretas moviam-se de uma parte para outra em busca de néctar. Observei como elas pousavam nas violetas, curvando-as até o solo com o seu peso. Beija-flores passavam zunindo, abanando as flores com a velocidade de suas asas minúsculas. Formigas vermelhas exploravam a massa em decomposição debaixo dos abateiros. Uma mosca neuróptera rastejava sobre um besouro em sua pressa para atingir o alto de uma tênue haste de capim. Ao chegar na ponta, ela olhou em volta com olhos que brilharam à luz do Sol como se estivessem chapeados de ouro polido. O dia era uma sinfonia de cores!

Lembro-me de haver passeado pelo Vale da Morte, certa primavera. Tinhamos atravessado diversos quilômetros de xisto e cascalho, quando notei uma mancha colorida contra a monótona cor cinzenta do cascalho. Era uma solitária flor do deserto. Ela não continha folhas verdes. Não havia nada mais senão uma flor perfeitamente formada, cor-de-rosa e púrpura, constituindo um brilhante contraste com a cor cinzenta. Por que vicejava ali sozinha?

Certa feita, há muito tempo, no mês de março, andamos por entre as dunas de areia da parte mais baixa do Deserto Mojave. Subimos ao topo de uma duna bem alta, e descemos do outro lado até uma sólida rampa cheia de lírios do deserto agradavelmente perfumados. Essas alvas flores erguiam-se acima de delgadas folhas verde-azuladas que se estendiam através da areia. No centro da parte dorsal de cada pétala o grande Projetista pintou uma faixa verde-azulada. Será que semelhante beleza e fragrância estava sendo esbanjada naquela duna do deserto?

Num prado pantanoso ao lado da Trilha John Muir, no alto da região de High Sierra, certa primavera encontrei uma flor fascinante. Eu havia tirado a mochila das costas e me estirava sobre o musgo ao lado do brejo, quando notei uma tênue haste apontando para o céu. Estava



O amor divino preparou a atmosfera primaveril do Jardim do Éden. Tudo respirava carinho, ternura e amor.

coberta de flores de delicado matiz cor-de-rosa, e cada uma delas tinha exatamente o aspecto da silhueta de uma pequena cabeça de elefante: achatada, orelhas grandes, testa bem definida e longa tromba arqueada. Aderindo ao caule com minúsculos pecíolos, as flores meneavam suas pequeninas cabeças de elefante sob a ação da brisa. Recordo ter-me deitado de costas sobre o musgo espesso, olhado para a abóbada celeste e perguntado a Deus, com admiração, por que tão esmerada perfeição fora outorgada a uma flor que bem poucas pessoas iriam ver.

Quando considerei essas flores que freqüentemente floriam sem serem vistas por olhos humanos, sem serem apreciadas por corações humanos, e exalando um perfume que bem poucos seres humanos iriam aspirar, fiquei estupefa-

ta. O Deus que criou as vastas extensões do espaço, que mantém a inclinação da Terra precisamente em 23,5 graus, e que move a Terra e o Sol em suas órbitas, é o mesmo Deus que inventou as flores e as impregna de perfumes. Tanto o espaço infinito como a florescência mais diminuta são mantidas por Seu poder — e não posso deixar de prostrar-me diante dEle com reverência e temor.

Nosso Deus ama a cor, a beleza e a diversidade, pois tem sido generoso em cumular nossa vida de todas estas três coisas. Penso, também, que Ele deve ter muito senso de humor. Ponderemos nos cangurus, na planta boca-de-leão e nas flores com cabeça de elefante! Será que Ele sorriu ao inventar isso para nós? Tenho certeza de que toda haste de grama, toda flor que desabrocha e toda ave que canta nos foram concedidas como uma expressão de Seu amor. Que diremos, porém, da beleza em recessos, fendas e lugares desertos? Por que ali, meu Senhor?

Salomão disse há muito tempo: "Há um propósito para tudo que vive debaixo do Sol." A beleza que escapa à consideração humana é vista e apreciada pelo Deus Vivo, pois na economia divina não há nenhuma flor inútil, nem perfume desnecessário. Embora a Escritura chame essas coisas de "erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno", elas têm importância para o Deus que ama a beleza.

Na semana passada, quando chegou o equinócio da primavera, sentei-me sozinha, com o sol batendo nas costas, e pus-me a ouvir as vibrações das abelhas em atividade. O perfume dos pomares elevava-se encosta acima. Refleti novamente na maneira como Deus adornou nosso mundo. No alto estendia-se o firmamento abaulado e azul. Pela terra alastrava-se um envoltório de diversas tonalidades de cor verde, e o Artista por excelência pincelara uma porção de outras cores para servir de contraste, agradar os olhos e deleitar nossos sentidos. Era a coloração da primavera!

Visto que a Terra modifica vagarosamente sua posição para com o Sol, todo ano haverá uma primavera. "Enquanto durar a Terra não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite." Gên. 8:22. Esta é uma promessa de nosso Senhor, e quando começar a primavera Ele inundará mais uma vez o vosso mundo de cor e beleza, para vosso prazer, porque vos ama. Como podeis ver, A COR DA PRIMAVERA É O AMOR!

BATISMO

União com Cristo.

Jorge E. Rice

Professor associado do Novo Testamento
no Seminário Teológico da
Universidade Andrews.

Desde que o Senhor ressurreto deu a ordem: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os..." (S. Mat. 28:19), o batismo tem sido encarado não somente como um testemunho público de que o batizando aceitou a Jesus como seu Salvador pessoal, mas também como a porta pela qual todos têm de passar a fim de se tornarem membros do corpo de Cristo.

O Significado do Vocábulo

Não há, porém, unanimidade no mundo cristão quanto à maneira como deve ser realizado este rito. Os Adventistas do Sétimo Dia seguem a prática da imersão, crendo que este é o modo do batismo ensinado pelo Novo Testamento e seguido pela Igreja apostólica. Esta crença é mantida por duas razões:

1. O verbo grego *baptizein* ("baptizar") denota imersão, pois provém da raiz *baptein* ("imersar" ou "submergir").¹ Portanto, o vocábulo tem a conotação de mergulhar o candidato batismal debaixo da água.

Conquanto reconheçamos que há perigo em erigir uma posição denominacional sobre a idéia de que determinada palavra da Escritura só tem um significado, a evidência preponderante no texto do Novo Testamento aponta para o batismo por imersão. As três vezes em que *baptein* aparece no Novo Testamento refletem seu significado de submergir: 1) o rico pediu que Pai Abraão permitisse que Lázaro mergulhasse (*baptein*) a ponta do dedo em água fria para refrescar-lhe a língua (S. Luc. 16:24); 2) Jesus identificou Seu traidor mergulhando (*baptein*) um pedaço de pão e entregando-o a Judas (S. João 13:26); e 3) como Comandante dos Exércitos do Céu, as vestes de Jesus foram apresentadas a João como tendo sido mergulhadas (*baptein*) em sangue



(Apoc. 19:13).

O verbo *baptizein* é usado de três modos diferentes no Novo Testamento. O primeiro é em conexão com o batismo na água. As referências são muito numerosas para serem mencionadas aqui; podem ser encontradas numa boa concordância. Em segundo lugar, *baptizein* é usado metaforicamente por Jesus ao referir-Se a Sua paixão como Seu batismo (S. Mat. 20:22 e 23; S. Mar. 10:38 e 39; S. Luc. 12:50), e também por João Batista, Jesus e Pedro no tocante à vinda do Espírito Santo (S. Mat. 3:11; S. Mar. 1:8; S. Luc. 3:16; S. João 1:33; Atos 1:5; 11:16). Em terceiro lugar, esse mesmo verbo é usado para abluções ou purificações. As duas ocorrências deste uso de *baptizein*, em vez de apoiar o batismo por afusão, simplesmente refletem o uso desse verbo grego para denotar lavagens para purificar da impureza levítica.² Tanto S. Marcos 7:4 como S. Lucas 11:38, onde *baptizein* é usado dessa maneira, têm que ver com a lavagem ritual das mãos. Além disso, o substantivo *baptisma* também é usado em conexão com o batismo

na água e, figuradamente, com referência à paixão de Jesus.

Com base nesses fatos, J. K. Howard afirma o seguinte: "Não há evidências de que a aspensão constituía uma prática apostólica; na realidade, todas as evidências indicam que ela é uma introdução posterior."³

2. Além do fato de que a palavra *baptizein* denota imersão, os relatos dos batismos na água que nos são apresentados no Novo Testamento indicam que as pessoas eram imersas. Por exemplo, o batismo de João, o qual preparou o caminho para o batismo cristão, parece ter sido por imersão. As multidões que iam ter com esse homem "eram por ele batizadas (*ebaptizonto*) no rio Jordão" (S. Mat. 3:6; comparar com S. Mar. 1:5). Lemos também que João estava "batizando em Enom, perto de Salim, porque havia ali muitas águas" (S. João 3:23).

Submetendo-Se ao batismo de João, Jesus também foi imerso no Jordão: "Batizado (*baptistheis*) Jesus, saiu logo da água." S. Mat. 3:16, grifo acrescentado. Marcos também declara: "Naqueles dias veio Jesus... e por João foi batizado (*ebaptisthe*) no rio Jordão. Logo ao sair da água..." S. Mar. 1:9 e 10, grifo acrescentado.

O batismo do eunuco etíope apóia igualmente o conceito de que a imersão era praticada na Igreja apostólica. "Ambos descenderam à água, e Filipe batizou (*ebaptisen*) o eunuco. Quando saíram da água..." Atos 8:38 e 39, grifo acrescentado.

A figura usada por Paulo em Romanos 6:4, em conexão com o seu ensino sobre o batismo e a união do crente com Cristo em Sua morte, sepultamento e ressurreição, denota que, para Paulo, o batismo abrangia a imersão.

O trecho que trata do batismo na *Didache*, posterior ao período apostólico, corrobora as evidências a

favor da imersão no Novo Testamento. Esse trecho famoso só permite a afusão como último recurso: "Quanto ao batismo, esta é a maneira como deveis batizar. Havendo primeiro declarado todas estas coisas, batizai no nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, em água corrente. Se não houver água corrente, batizai então em outra água, e se não puderdes usar água fria, usai água norma. E, se não tiverdes nem uma nem outra, despejai água três vezes sobre a cabeça, no nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo."⁴

A Porta de Entrada na Igreja

A idéia do batismo como a porta de entrada na Igreja deriva da comissão de Jesus. As nações deviam tornar-se discípulos pelo ato de ser ensinadas e batizadas. Os que ouviram o sermão pentecostal de Pedro perguntaram: "Que faremos, irmãos? Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo." Atos 2:37 e 38. Lucas nos diz que houve "um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas" (verso 41). Ele não especifica a que foram acrescentadas essas pessoas batizadas, mas é claro pelo contexto que elas foram acrescentadas ao corpo de crentes. Lucas diz ainda mais: "Acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos." Atos 2:47. Inferimos que essas pessoas, que eram acrescentadas dia a dia, ingressaram na comunidade cristã do mesmo modo que aqueles que atenderam à mensagem de Pedro no Dia de Pentecostes — pelo batismo. Não podemos falar pormenorizadamente das pessoas em Samaria que foram batizadas por Filipe (Atos 8:4-25), de Saulo (Atos 9:1-19), de Cornélio, sua família e amigos (Atos 10:1-48), de Lídia e sua casa (Atos 16:11-15), do carcereiro de Filipos e sua família (Atos 16:16-40), de Crispo e sua família (Atos 18:8), dos doze "discípulos" que Paulo encontrou em Éfeso (Atos 19:1-7) e muitos outros — todos os quais ingressaram na comunidade cristã pelo batismo.

Porta de Entrada Para uma Relação Especial

O batismo não somente é a porta pela qual a pessoa precisa passar a fim de ingressar na comunidade de crentes, mas também a porta pela qual entramos em íntima comunhão com Jesus. Uma parte desta relação é partilhar de Seu batismo geral, de Sua paixão.

A preposição *eis* é usada "para

denotar o objetivo buscado e alcançado pelo batismo".⁵ É com essa preposição que Paulo estabelece a experiência de uma relação com Jesus: "Porventura, ignorais que todos os que fomos batizados em [eis] Cristo Jesus, fomos batizados na [eis] Sua morte? Fomos, pois, sepultados com Ele na [eis] morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida." Rom. 6:3 e 4.

O espaço não permite que consideremos aqui o conceito bíblico de corpo organizado ou corporação. No entanto, pode-se insinuar que Paulo tinha em mente a idéia corporativa ao declarar que quando somos batizados participamos da experiência da paixão de Cristo, uma experiência íntima que só pode ser partilhada pelos que se submetem ao rito baptismal.

Howard diz o seguinte no tocante ao ensino de Paulo sobre o batismo: "No ato simbólico do batismo o crente penetra na morte de Cristo, e, na realidade, essa morte torna-se sua morte; e ele participa da ressurreição de Cristo, e essa ressurreição torna-se sua ressurreição."⁶ E acrescenta: "O batismo é, portanto, a ocasião em que o homem se une a Cristo. É a participação nesses acontecimentos que Paulo tinha em mente ao escrever noutra parte: 'Estou crucificado com Cristo;... e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim.' Gál. 2:20."⁷

Porque cremos que as águas do batismo não possuem poder sobrenatural, e que a fé realiza o que significa o batismo, nós, os Adventistas do Sétimo Dia, não praticamos o batismo de crianças.

A Porta de Entrada no Concerto

A circuncisão era o sinal da relação do concerto entre Yahweh e Seu povo no Velho Testamento. Paulo considerava, porém, que a relação do concerto foi quebrada pela rejeição de Jesus. O que tinha sido o sinal do concerto tornou-se agora um sinal da tentativa do homem para salvar-se a si mesmo, um conceito inteiramente estranho ao ensino de Paulo de salvação pela fé em Jesus. Embora o concerto de Deus e Suas promessas continuem sendo os mesmos, agora há um novo povo, e um novo sinal do concerto, segundo a compreensão de Paulo. O sinal da circuncisão física foi substituído pelo batismo, representando a circuncisão espiritual do

coração e uma relação salvífica com Jesus.


Paulo diz: "NEle [Jesus] também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo; tendo sido sepultados juntamente com Ele no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que O ressuscitou dentre os mortos." Col. 2:11 e 12.

Tendo removido "o corpo da carne" pela circuncisão espiritual realizada por Jesus, a pessoa batizada agora se reveste de Cristo e entra na relação do concerto com Jesus. Como resultado, está em condições de receber o cumprimento das promessas do concerto.

Paulo diz também: "Porque todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes... E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão, e herdeiros segundo a promessa." Gál. 3:27 e 29.

Sumário

O texto do Novo Testamento apresenta o batismo por imersão como a forma usada por João Batista e os primeiros evangelistas da Igreja apostólica. A imersão foi a forma de batismo a que Jesus Se submeteu. Paulo usa a figura da imersão ao falar da relação íntima que existe entre o cristão renascido e Jesus quando o cristão experimenta a morte, o sepultamento e a ressurreição junto com Jesus.

Por meio do batismo, o cristão ingressa na Igreja e na relação do concerto com Jesus. O batismo substitui a circuncisão como sinal dessa relação do concerto. Com a eliminação do "corpo da carne", aquele que é batizado se "reveste" de Cristo. Assim ele se torna um filho espiritual de Abraão e está preparado para o cumprimento das promessas do concerto. 

Bibliografia

1. William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago Press, 1957), págs. 131 e 132.
2. Albrecht Oepke, "Bapto, Baptizo", em *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel, trad. de Geogrey W. Bromiley, vol. I (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1964), pág. 535. Cp. Arndt e Gingrich, op. cit., pág. 131.
3. J. K. Howard, *New Testament Baptism* (Londres: Pickering & Inglis, LTD, 1970), pág. 48.
4. *Didache*, 7.
5. Oepke, op. cit., pág. 539. Cp. Arndt e Gingrich, op. cit., pág. 131.
6. Howard, op. cit., pág. 69.
7. *Idem*, pág. 71.

O QUE JESUS DISSE SOBRE A JUSTIFICAÇÃO

Morris L. Venden
Pastor da Igreja ASD do Colégio União
do Pacífico, Califórnia, EE.UU.

“Propôs também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos por se considerarem justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um fariseu e o outro publicano. O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças Te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuno duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho. O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao Céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta, será humilhado; mas o que se humilha, será exaltado.” S. Luc. 18:9-14.

Dois homens foram ao templo para orar. Um orou a si mesmo; o outro orou a Deus. Um adorou a si mesmo; o outro adorou a Deus. Um confiou em seus próprios méritos; o outro confiou na misericórdia de Deus.

O fariseu achou que suas próprias obras, sua devolução do dízimo, seu jejum, sua conduta irrepreensível, eram suficientes para obter sua salvação. Confiar nas obras para a salvação é a característica de um fariseu legalista. Mas Jesus disse: “Se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos Céus.” S. Mat. 5:20. “Não vim chamar justos, e, sim, pecadores ao arrependimento.” S. Mat. 9:13. Justificação é ser colocado na devida relação com Deus em virtude do que Jesus realizou (ver Rom. 3:24). É uma providência tomada no Céu para a redenção de toda a raça humana, e seu fundamento é a imaculada justiça de Jesus. Não é algo que podemos obter por nossos próprios esforços. É uma dádiva. O fa-

riseu não leva vantagem sobre o publicano.

Quando Jesus purificou o templo, Ele repreendeu os dirigentes religiosos de Seu tempo por fazerem da casa de Seu Pai uma casa de negócio ou mercado. Pondere um momento sobre o que é um mercado. É um lugar onde certas coisas são compradas e vendidas. É um lugar onde alguém apresenta os frutos de seus próprios labores, a fim de adquirir o que lhe apraz. É um lugar de permutas. A casa de Deus não é um mercado, pois a salvação não pode ser negociada. Deve ser dada gratuitamente e aceita livremente. A salvação é totalmente uma dádiva. Jesus expressou-o nestas palavras: “Isto é o Meu corpo, que por vós é dado.” S. Luc. 22:19, Almeida, antiga. (Grifo acrescentado.) São os que não podem pagar que são convidados ao banquete do evangelho (S. Luc. 14:14).

Notamos também no estudo da vida de Jesus que, para a pessoa que procura salvar-se a si mesma, há um inevitável resultado: ela abandona a Jesus. Este resultado se encontra na história de Pedro, o qual sacou da espada e procurou salvar a si mesmo e os outros discípulos. (S. Mat. 26:51-56.) A próxima coisa que ocorreu depois disso foi que Pedro e todos os outros discípulos O abandonaram e fugiram. Jesus ficou sozinho com a turba.

O publicano reconheceu que nada podia fazer para conquistar ou merecer a misericórdia de Deus. Não procurou acrescentar coisa alguma à salvação provida. Compreendeu sua condição de total desamparo. Permaneceu longe, sob convicção, não ousando nem mesmo levantar os olhos ao Céu. Contudo, deve ter visto alguma coisa do amor de Deus, do contrário nunca se teria aventurado a ir ao templo. E, devido a sua esperança de perdão, procurou obter reconciliação com Deus.

O publicano admitiu que era pe-

gador. Algumas traduções mencionam que ele disse o seguinte: “Ó Deus, tem misericórdia de mim, o pecador!” Achava que era o pior homem do mundo. Seria de fato assim? É necessário superar o registro de homicídios praticados por Hitler ou ser mais traidoeiro do que Judas, para fazer a oração do publicano? Paulo, que fora fariseu de fariseus, fez essa oração, estando disposto a dizer: Eu sou o principal dos pecadores. Nos círculos cristãos, talvez seja possível competir uns com os outros nas afirmações de perversidade. Há pessoas que só se sentem justas quando se sentem pecaminosas! É possível ter uma forma de legalismo que obtém conforto e segurança na penitência, e não em Jesus Cristo. Algumas pessoas, vendo que ser um “verme” de algum modo era digno de nota, não ~~descansaram~~ enquanto não procuraram demonstrar que, de todos os “vermes”, elas eram os piores! Cumpre notar, porém, que o publicano não disse: “Ó Deus, sê propício a mim, devido a minha penitência”, e, sim: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” Não resta dúvida de que ele era penitente, mas não fez que sua salvação dependesse de sua penitência.

E o publicano foi aceito. Desceu justificado para sua casa. Aceitação é a palavra-chave em todo o belo assunto da justificação. Jesus sempre aceitou os que iam ter com Ele. Somos aceitos assim como estamos — na realidade, este é o único modo pelo qual podemos dirigir-nos ao Salvador. Não podemos modificar-nos a nós mesmos com essa finalidade. Isto é verdade cada dia, e não só no começo da vida cristã. Jesus sempre nos aceita assim como estamos. Eis o que Ele disse, em S. João 6:37: “O que vem a Mim, de modo nenhum o lançarei fora.” Lemos também em S. João 12:47: “Eu não vim para julgar o mundo, e, sim, para salvá-lo.” Ele disse isso para a mulher arrastada

à Sua presença: "Nem Eu tampouco te condeno." S. João 8:11. Até mesmo os dirigentes judaicos reconheceram essa verdade, embora não a apreciassem, ao declaram: "Este recebe pecadores." S. Luc. 15:2. Jesus disse-o em S. João 5:24: "Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a Minha palavra e crê nAquele que Me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo [condenação], mas passou da morte para a vida."

Não constitui uma boa coisa saber que não precisamos ter medo do juízo? Essa aceitação da parte de Jesus é plena e gratuita, e se baseia no Seu sacrifício em nosso favor. É válida para toda pessoa que a aceita, e é eficaz cada dia. O pobre publicano, que não ousa levantar os olhos ao Céu e que permanece longe, mas implora a misericórdia de Deus, consegue voltar para casa com a cabeça erguida porque compreende seu valor aos olhos do Universo. Pode erguer a cabeça porque compreende o que Deus efetuou para ele por meio de Jesus Cristo; pois, quando Deus nos perdoa, nossa condição diante dEle é como se nunca houvéssimos pecado. "[Jesus] morreu por nós, e agora Se oferece para nos tirar os pecados e dar-nos Sua justiça. Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como vosso Salvador, sereis então, por pecaminosa que tenha sido vossa vida, considerados justos por Sua causa. O caráter de Cristo substituirá o vosso caráter, e sereis aceitos diante de Deus exatamente como se não houvésseis pecado." — *Caminho Para Cristo*, pág. 54.

O publicano foi justificado quando aceitou a misericórdia de Deus. A justificação só é válida para o pecador quando é aceita por ele (ver S. João 1:12). A Bíblia não ensina que a justificação é unicamente pela graça. Ela é sempre pela graça, mediante a fé (ver Efés. 2:8). A fé é essencial da parte do pecador (ver Heb. 11:6). A fé envolve imediatamente duas partes: uma que confia na outra. Quando o pecador confia em Jesus para a salvação, passa a haver uma relação que salva, a qual constitui uma experiência subjetiva baseada num fato objetivo. Precisamos aceitar o perdão de Deus para que nos seja proveitoso. E precisamos continuar a aceitar o Seu perdão para que continuemos a experimentar Sua graça justificadora.

Note, nestas quatro passagens, o que Jesus disse sobre o perdão, e como ele tem que ver com a nossa relação para com Deus. A primeira é S. Mateus 18:21 e 22: "Então Pedro, aproximando-se, Lhe pergun-

tou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete." Naturalmente, Jesus não estava estabelecendo o limite de 490 vezes para o perdão, e, sim, ensinando que devemos perdoar a nosso irmão enquanto ele o suplicar — perdão irrestrito.

No segundo texto, S. Lucas 17:3-5, vemos uma aplicação mais profunda ainda: "Acautelai-vos. Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se por sete vezes no dia pecar contra ti, e sete vezes vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe. Então disseram os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé."

Esse conselho se restringe às relações humanas? É claro que não! Deus não recomendaria que fizéssemos entre nós mesmos mais do que Ele está disposto a fazer. Esse é o perdão de Deus. É a espécie de perdão que Deus nos concede. Seu perdão é ilimitado. Sempre que nos volvermos para Ele, mesmo que seja sete vezes num só dia, admitindo nossa necessidade de Sua misericórdia e perdão, Ele no-os concede generosamente.

É aí que alguns ficam apreensivos com o assunto da justificação. Pensam que um perdão como esse levará as pessoas a abusarem da graça de Deus. Achar que semelhante perdão conduzirá à licenciosidade. Consideremos, porém, a terceira passagem: "Dirigiu-Se Jesus ao fariseu e lhe disse: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. Ele respondeu: Dize-a, Mestre. Certo credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários, e o outro cinqüenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais? Respondeu-Lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe: Julgaste bem." S. Luc. 7:40-43.

Jesus disse em S. Lucas 17:3-5 que o perdão é infindo. Afirmou que Seu Pai perdoa a todo aquele que se aproxima e continua a aproximar-se de Sua Pessoa. Isto conduz a licenciosidade? Não, porque em S. Lucas 7:40-43 o Salvador declara que quanto mais alguém é perdoado, tanto maior será o seu amor.

O último dos quatro textos é S. João 14:15: "Se Me amais, obedecereis a Meus mandamentos." — *Today's English Version*. Por conseguinte, quando compreendemos corretamente o perdão de Deus, ele nos conduz a uma resposta de amor. E o amor conduz à obediên-

cia. É tão simples assim.

Até quando necessitamos do perdão de Deus? Devemos cuidar para não cair na armadilha de pensar que a justificação só é para o começo de nossa vida cristã. Precisamos diariamente da graça de Deus que justifica. Precisamos de Sua graça justificadora devido ao registro de nossa conduta no passado. Quer tornemos a pecar outra vez, quer não, ainda precisamos do sangue de Jesus para cobrir nosso passado pecaminoso. Precisamos de Sua graça justificadora porque somos pecaminosos por natureza, e continuaremos a sê-lo até à volta de Jesus. E necessitamos de Sua graça justificadora toda vez que caímos ou erramos. Foi o pecado que causou separação entre Deus e o homem no princípio. E unicamente o sacrifício de Jesus, aceito dia a dia, é suficiente para restaurar a comunhão entre Deus e o homem.

Aceitando a Ele e Sua justificação, temos certeza e segurança acerca de nosso destino eterno. A vida eterna não é algo que teremos mais tarde; nós já a possuímos! "Quem crê no Filho tem a vida eterna." S. João 3:36. "Quem ouve a Minha palavra e crê nAquele que Me enviou, tem a vida eterna." S. João 5:24. "Em verdade, em verdade vos digo: quem crê tem a vida eterna." S. João 6:47. "Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em Seu nome." S. João 20:31. "Alegrai-vos ... porque os vossos nomes estão arrolados nos Céus." S. Lucas 10:20.

Para muitos de nós, parece que esta verdade é boa demais para ser aceita. Mas não deixa de ser verdade, pois foi proferida por Jesus! "Abandonai a suspeita de que as promessas de Deus não se referem a vós. Elas são para todo transgressor arrependido. Força e graça foram providas por meio de Cristo, sendo levadas pelos anjos ministradores a toda alma crente. Ninguém é tão pecaminoso que não possa encontrar força, pureza e justiça em Jesus, que por ele morreu. Cristo está desejoso de tirar-lhes as vestes manchadas e poluídas pelo pecado, e vestir-lhes os trajes brancos da justiça. Ele vos ordena viver, e não morrer." — *Caminho Para Cristo*, pág. 46.

O perdão de Deus foi bom para o publicano no passado, e ainda é bom para toda pessoa hoje em dia. "Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele." S. João 3:17, Almeida, antiga. ☪

Jesus em Breve VIRÁ!

Gordon M. Hyde
Diretor associado do Depto. da Escola
Sabatina da Associação Geral.

Era isso que meu conjunto predileto cantava no colégio em 1941. Para alguns, pode parecer apenas ontem, mas para quem conhece algo sobre as cristas de expectativa quanto à segunda vinda de Jesus e suas reiteradas frustrações através dos séculos — incluindo algumas recentes — quarenta anos podem parecer um período muito longo. Com efeito, os teólogos de algumas denominações que pregavam constantemente a iminência da volta de Cristo estão recomendando agora que silenciosamente seja eliminada a ênfase à iminência.

Na realidade, porém, como é isso? A Bíblia não ensina que Cristo vai voltar? Ela não dá indicações sobre a época em que ocorrerá esse acontecimento? Que diremos sobre os "sinais" de sua iminência? Que significa a "volta de Cristo"? Podemos saber como, quando, onde e por que que ela se dará?

Talvez seja útil ter algum senso de perspectiva desde o começo, de modo que os leitores possam conhecer os antecedentes para nossas crenças acerca da vinda de Jesus. A maneira pela qual são respondidas as perguntas sobre o Segundo Advento formuladas mais acima tem mais que ver com o conceito que a pessoa tem da Bíblia do que com o seu conhecimento do calidoscópio dos acontecimentos em constante mutação no mundo hoje em dia. Por exemplo, os que têm problemas para continuarem a crer no nascimento virginal de Jesus Cristo, provavelmente não ficarão muito entusiasmados com a ideia do Segundo Advento, quer seja iminente, ou não. Semelhantemente, se for rejeitado o elemento vaticinador na profecia bíblica, restará pouco espaço para a segunda vinda.

É interessante que até mesmo observadores seculares estão notando as vozes proclamando com crescente intensidade que o fim de todas as coisas está perto. "Boom in Doom" foi a designação que a revista *Time* deu ao fenômeno (01-01-1977, págs. 49-51). Os mesmos observadores seculares às vezes re-

conhecem que o tempo para a raça humana está se esgotando ecológica, política e socialmente. Pelo menos todos reconhecem — quando ousam exprimi-lo — que a espada de Dâmocles, sob a forma "da Bomba", pende de um fio sobre todo o planeta. Isto, talvez, foi percebido mais intensamente em 1946 do que em 1982 (pois o que é ominoso se desvanece com o passar do tempo). Mas, semelhante percepção secular de perturbações latentes talvez não coincida com a crença religiosa no fim do mundo como resultado da segunda vinda de Jesus Cristo. O fato de que a Bíblia descreve em traços gerais alguns dos transeles que o mundo enfrenta na atualidade, apresentando-os como "sinais" da proximidade do Advento, sem dúvida será encarado como mera coincidência pelo observador secular, e, talvez, mesmo por outros que se dedicam à teologia e setores correlatos.

Por exemplo, em 1978, a obra de Dewey M. Beegle, *Prophecy and Prediction*, publicada por Pryor Pettingill, de Ann Arbor, Michigan, desafiava o conceito dos cristãos evangélicos de que Cristo irá voltar, e que isso se dará em breve. Ao fazê-lo, ele procurou englobar o Povo de Armstrong, as Testemunhas de Jeová, Billy Graham, os Adventistas do Sétimo Dia e os Sionistas. Ele acusa a todos eles pelo fato de crerem nas predições da profecia bíblica. Ao mesmo tempo, lembra-lhes que ele mesmo saiu de um ambiente evangélico conservador.

Esse tipo de crítica é a consequência natural de um conceito desabonador da Bíblia. Representa o pensamento dos teólogos contemporâneos que foram "liberados" de toda opinião elevada sobre a inspiração e consequente autoridade da Bíblia. Essa liberdade remonta aos teólogos protestantes racionalistas da Europa, após a Reforma e mesmo mais além. No trajeto para a exaltação da razão e da ciência humana acima da autoridade da Bíblia, esses teólogos passaram a negar os milagres e a transmissão da verdade enunciada por Deus ao ho-

mem. Obviamente, portanto, não havia lugar para a profecia vaticinadora, a qual reconhece a atuação de Deus na História.

É interessante notar que os teólogos protestantes racionalistas colheram a negação do elemento profético da Bíblia de um jesuíta chamado Alcazar, no começo do século dezessete. Os princípios preteristas da interpretação profética por parte de Alcazar rejeitavam os elementos-chave da escola historicista que servira de base para a Reforma. O preterismo não tinha lugar para a predita progressão histórica de poderes mundiais desde o tempo de Daniel até o Segundo Advento, nem para o princípio do dia-ano, no qual se baseia essa progressão. O que era considerado profético foi então aplicado ao começo da era cristã ou mesmo a acontecimentos do próprio tempo de Daniel, segundo determinava a erudição crítica. Mas esses conceitos não formam manchetes hoje em dia.

Em contraste com isso, muitos evangélicos se apegam ao elemento vaticinador da profecia bíblica e aos sinais da iminência do Segundo Advento, e esses conceitos merecem toda a consideração. Os evangélicos continuam a dar grande valor à inspiração e à autoridade da Bíblia, o que os leva a crer na capacidade da profecia bíblica para predizer futuros acontecimentos e condições. Muitos parecem ter abandonado, porém, os princípios historicistas de interpretação profética seguidos por Cristo, pelos apóstolos, pela Igreja primitiva, pela Reforma e pelo grande avivamento do Advento do fim do século dezoito e começo do século dezoenove. Parecem ter a impressão de que o relógio profético de Deus está parado desde os dias de Cristo até à consumação do século.

Em seu livro publicado em 1980, *The Gathering Storm, World Events and the Return of Christ* (Tyndale House Publishers, Inc., Wheaton, Illinois), Harold Lindsell, ex-diretor da revista *Christianity Today*, se refere à história do esquema de interpretação profética que predomina nos círculos evangélicos hoje em dia. Ele remonta seus princípios futuristas a John N. Darby, um dos fundadores dos Irmãos Plymouth (pequeno, mas ativo movimento conservador de retorno à Bíblia, na Inglaterra e Irlanda, no fim do século dezoenove e começo deste século). Lindsell, porém, não faz alusão aos princípios futuristas que precederam os conceitos de Darby. Eles foram elaborados por outro jesuíta, Ribera, por ocasião da Contra-Reforma Católica. Os conceitos de Ri-

bera não exerceram nenhum impacto evidente sobre os protestantes durante trezentos anos. Mas Samuel R. Maitland (1792-1866), da Igreja Anglicana, e vários outros comentaristas acabaram sendo o elo entre Ribera e Darby. (Para um estudo pormenorizado, ver a obra de L. E. Froom, *Prophetic Faith of our Fathers*, 4 vols., Review and Herald Publishing Association, Washington, D.C., 1946-54.) A principal interpretação profética de Ribera considera o anticristo como um só indivíduo que dominaria por um breve período de anos, no fim da era cristã, pouco antes da segunda vinda.

Precisamos respeitar a franqueza do Dr. Lindsell ao debater as múltiplas variações desse conceito evangélico basilar, esmiuçando suas diferenças que parecem ser irreconciliáveis, bem como as alternativas. Ele reconhece algumas das "impossibilidades" das diversas interpretações apresentadas, abrangendo o arrebatamento, a tribulação, o anticristo, os judeus (seu futuro holocausto, sua "conversão" e missão subsequente), as ressurreições, os julgamentos, a distinção entre Israel e a Igreja, etc.

Para o adventista do sétimo dia que crê na profecia bíblica e seu cumprimento histórico é muito impressionante a completa ausência de alusões, por parte de Lindsell, ao papel do papado — no passado, presente ou futuro — nesse cumprimento. (O Estado de Israel recebe grande notoriedade hoje em dia, como se os hebreus do Antigo Testamento ainda fossem o povo escolhido de Deus, e a Palestina atual ainda estivesse sob a promessa do concerto de Deus.) Os adventistas do sétimo dia também ficam chocados com o fato de que Lindsell não explica em parte alguma, e quase não faz alusão à lacuna de uns dois mil anos que os futuristas colocam entre o fim das primeiras 69 das setenta "semanas" de anos (designadas por Daniel ao povo judeu) e a setuagésima semana. Naturalmente, a linha de comentaristas modernos — incluindo tais personalidades de renome como Harry A. Ironside, C. I. Scofield, Martin R. DeHaan e John Walwood — teve seu impacto modificador sobre o conceito básico de Darby e ajuda a explicar algumas das variações e tensões internas.

Onde estamos nós, como Adventistas do Sétimo Dia, no âmbito da interpretação profética, e que influência tem esta posição sobre nosso conceito da segunda vinda e sua iminência?

Desde o início, cumpre dizer que

sempre tivemos elevada consideração pela autoridade da Escritura, não com base na teoria da inspiração verbal, mas na crença de que homens escolhidos por Deus foram Seus condutos para tornar a verdade conhecida ao homem. Para nós, essa revelação tem a mesma autoridade que a voz audível de Deus. Também estamos entre os poucos defensores remanescentes do sistema historicista de interpretação profética.

Portanto, quando é relatado que Jesus Cristo prometeu a Seus discípulos: "Voltarei" (S. João 14:1-3; cp. Atos 1:9-11; Tito 2:13), aceitamos Sua declaração assim como é. Esperamos que o mesmo Jesus que ascendeu a Seu Pai acompanhado de hostes angélicas e cercado de nuvens volte da maneira como partiu — de modo literal, pessoal e visível, e com propósitos específicos. (Ver Apoc. 1:7; S. Mat. 26:63 e 64; II Tess. 2:8.)

Quando o Senhor falou a Seus discípulos da futura destruição de Jerusalém, eles pediram que o Mestre lhes explicasse quando sucederiam essas coisas e que sinais haveria da aproximação de Sua volta. Ele proferiu, então, no Monte das Oliveiras, o discurso relatado em S. Mateus 24, S. Marcos 13 e S. Lucas 21. Mesclando compassivamente certos itens relacionados tanto com o fim de Jerusalém como com o fim do mundo, o Senhor colocou Sua volta depois de um período de grande tribulação, o qual, sendo abreviado por compaixão para com a Igreja, estaria ligado a sinais no Sol, na Lua e nas estrelas, e a condições sobre a Terra que cada vez se tornariam piores. E Ele apresentou tudo isto pouco antes de morrer na metade da setuagésima semana da profecia de Daniel, fazendo cessar os sacrifícios como aceitáveis a Deus e incumbindo os discípulos de continuar a oferecer o concerto de Deus ao povo judeu por mais três anos e meio antes de volver-se para os gentios (ver Dan. 9:27; S. Mat. 27:51; Heb. 2:3 e 4). O Senhor reconheceu esta aplicação da setuagésima semana de Daniel ao proclamar no começo de Seu ministério: "O tempo está cumprido." S. Mar. 1:15; cp. Dan. 9:25 e 26.

Assim, em S. Mateus 24, Cristo estava apontando para séculos de tempo durante os quais a perseguidora "ponta pequena" da profecia de Daniel (Cap. 7:7, 8 e 19-27) lançaria sua ira contra "os santos do Altíssimo" por três "tempos" e meio, ou 42 meses ou 1.260 dias-anos. O testemunho de quase todos os comentaristas da Reforma era que essa "ponta pequena" (a besta

de Apoc. 13, o anticristo das epístolas de S. João) não era outra coisa senão o papado. (Para uma esmerada análise deste ponto de vista e sua contínua validade, ver o artigo: "O Papa Como Anticristo: Um Anacronismo?", escrito por Davi P. Scaer, *Christianity Today*, 23 de outubro de 1981, pág. 66.) O relato de suas perseguições contra os dissidentes é histórico. Ela dominou o mundo, tanto religioso como secular, durante 1.260 dias-anos — aproximadamente de 533-538 a 1793-1798 A.D. — tendo havido uma redução de seu poder perseguidor antes da "ferida mortal" infligida pelos franceses na sequência da Revolução (ver S. Mat. 24:21 e 22; Apoc. 13:3). Essa ferida seria, e tem sido, notavelmente curada, segundo é evidenciado por sua influência mundial hoje em dia.

Tal é, portanto, a montagem histórica para o grande avivamento do Advento após a virada do século dezoenove. A aplicação do princípio do dia-ano aos 1.260 dias e sua terminação amplamente reconhecida deram nova confiança à escola historicista, a qual voltou então sua atenção para os 2.300 dias de Daniel 8:14 — a mais longa das profecias bíblicas relativas ao tempo. Seus expositores chegaram à dramática conclusão de que esses "dias" terminariam e seu Senhor voltaria em 1843 ou 1844!

A Inglaterra e a Europa foram na realidade os primeiros grandes centros do testemunho do Advento. Sociedades, missões, publicações e associações envolveram dezenas de homens preparados e eminentes, clérigos e leigos. A luz da expectativa do Advento no Velho Mundo pareceu dissipar-se quando surgiu um "movimento de línguas" na igreja de Eduardo Irving, em Londres, e as testemunhas começaram a insistir que fossem feitos esforços para converter os judeus e efetuar seu retorno à Palestina. Quando o movimento declinou na Europa, ele progrediu na América do Norte.

Lindsell menciona "os pretensos profetas que, quando ficou provado que eles estavam errados, introduziram explicações fantasiosas para justificar seus desapontamentos" (*Idem*, pág. 13). Na realidade, as testemunhas em vários países, acreditando em diversas línguas, estavam bem inteiradas da advertência acerca de não marcar o "dia e hora" do Advento. Inicialmente, contentaram-se com o ano! A despeito, porém, de seu desapontamento, permanece o fato de que seus cálculos se baseavam no sistema historicista de interpretação profética.

ca. Apenas estavam dando o próximo passo na procura da atual verdade profética. [Os seguidores de Guilherme Miller, na Nova Inglaterra, deram consideração aos princípios preteristas defendidos naquele tempo por expositores da Bíblia histórico-críticos, mas se afastaram conscienciosamente desse sistema. Ver P. Gerard Damsteegt, *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission* (Eerdmans, Grand Rapids, Michigan, 1977), págs. 63-77.]

O fato é que o senso da iminência da volta de Cristo tornou-se bastante acentuado após os memoráveis acontecimentos da Revolução Francesa, da extinção dos Estados papais e do aprisionamento do papa em 1798. As grandes profecias de Daniel e Apocalipse, relativas ao tempo, foram amplamente compreendidas e confirmadas por acontecimentos de repercussão mundial. A grande onda de interesse nas profecias da Bíblia, especialmente os 1.260 e 2.300 dias, resultou numa proclamação mundial da iminente volta de Cristo e de que chegou a hora do Seu juízo (ver Apoc. 14:6 e 7).

É verdade que a "purificação do santuário" (Dan. 8:14), no fim dos 2.300 dias, era interpretada naquele tempo como a purificação da Terra pelo fogo, por ocasião do re-


torno de Cristo. Mas isso não desprezará o fato de que o "tempo do fim" mencionado por Daniel [Cap. 8:17 e 19; 11:35 e 12:7-9] já havia chegado e que as partes de sua profecia que tinham sido seladas ou fechadas, agora foram abertas. Como resultado, a maior proclamação da iminência do Advento que já foi vista estava em andamento em todas as regiões do mundo.

Essa mensagem, representada pelos três anjos de Apocalipse 14, começou a ser proclamada desse tempo em diante. Tais mensagens culminam num duplo resultado — o desenvolvimento de um povo que revela o caráter de Deus pela fé em Jesus Cristo e a volta desse mesmo Senhor e Salvador para efetuar as colheitas tanto dos remidos como dos perdidos (ver os versos 12-20). Com todas as profecias de tempo assim cumpridas, o tempo profético deixará de existir. Com o Revelador, aguardamos, mas não em ociosidade, a breve volta do Senhor.

A volta de Jesus Cristo, principiando os estupendos acontecimentos do Milênio (ver Apoc. 20), provê a solução definitiva de todos os problemas que o pecado produziu na Terra. A ressurreição dos santos de todas as épocas soluciona o problema da morte (ver I Tess. 4:13-18; I Cor. 15:51-54). A destruição final

de todas as almas rebeldes de Satanás em diante resolverá o problema do pecado (ver Apoc. 20:7-15). A criação de novo céu e nova Terra soluciona todas as conseqüências ecológicas do pecado (ver Apoc. 21:1-6). A árvore e o rio da vida (Apoc. 22:1-3) conferem o dom da imortalidade aos remidos — um dom adiado pelo pecado de Adão (ver Apoc. 22:1-3). Que mais? Quem pode sugerir que mais haverá? Os profetas nos dão alguns vislumbres. Mas isso é apenas o começo. Habitar na presença de Deus e desfrutar uma eternidade de oportunidades e meios para desenvolver tudo o que é nobre e correto será o gozo e a comunhão dos remidos para todo o sempre.

Estamos esperando. Nosso Senhor recomendou que o fizéssemos (ver S. Mat. 25:1-13). Mas os sinais da volta de Cristo não estão diminuindo; diariamente eles se tornam mais fortes e universais (ver II Tim. 3:1-5). Devemos viver como se Ele viesse amanhã (ver I Tess. 5:1-6). Precisamos planejar Seu trabalho como se fosse por toda a vida. Disse o homem nobre aos servos a quem confiara os seus bens: "Negociai até que eu volte." S. Luc. 19:11-13.

Sim, o conjunto que cantava no colégio estava certo. Jesus em breve virá! 

O porquê da pregação e do ensino da Mordomia.

Roberto R. Roncarolo
Diretor do Depto. de Mordomia da
Divisão Sul-Americana.

O ministério da Igreja sempre tem sidô considerado UNO com o de Cristo, e o ministro como o agente ou representante humano de dedicação exclusiva e credenciado pela Igreja com o propósito de cumprir esse ministério.

Tradicionalmente se considera que as principais facetas do exercício do ministério de todo pastor são as seguintes:

1. O ministério da autoridade: é o poder conferido pela Igreja para

realizar certos atos, reuniões ou cerimônias, ou para participar deles, como por exemplo: casamentos, organização de igrejas, batismos, etc.

2. O ministério da missão: como enviado de Deus, o ministro se preocupa em comunicar a verdade da salvação a outros pelos meios mais diversos.

3. O ministério do serviço: como servo de Deus e dos membros, o pastor se dedica a servir sua Igreja e seus semelhantes.

4. O ministério da pregação: é a proclamação audível da salvação que Deus quer operar nos homens através de Cristo, por meio de conferências, sermões, etc.

5. O ministério do ensino: é a participação a outros das verdades da salvação através de diversos meios de ensino, como estudos bíblicos, classes batismais, cursos de investigação, etc.

6. O ministério da supervisão: é a atividade que, derivada de sua autoridade, todo ministro exerce sobre outras pessoas e sobre diversas organizações eclesásticas, com o propósito de acompanhar e incentivar, dentro de sua jurisdição, o ministério global da Igreja.

Levando em conta que a Mordomia é uma doutrina bíblica como as demais, quando o pastor procura cumprir o ministério da pregação e do ensino, deve procurar proclamá-la e ensiná-la assim como o faz com a segunda vinda de Cristo, o sábado, etc.

Se bem que esta razão, por si mesma, seja boa e suficiente, gostaríamos de apresentar, em seguida, outras razões que, embora secundárias, parecem ser igualmente válidas em relação com o motivo por

que todo ministro deve pregar e ensinar a Mordomia para sua congregação:

1. Porque é um elemento essencial da herança cristã. "Mordomia" tem sido a palavra que sempre representou mais adequadamente a relação do homem para com Deus. I S. Pedro 4:10.

2. Porque provavelmente, melhor que qualquer outra doutrina, sua aceitação por parte do crente implica o reconhecimento da soberania e propriedade de Deus sobre tudo que ele é e possui, e sua condição de mordomo ou administrador. II Cor. 4:5; S. Lucas 16:1 e 2.

3. Porque o ensino de colocar a Deus em primeiro lugar ajuda o filho de Deus a render sua vontade, seu próprio eu, ao Senhor, eliminando assim, pouco a pouco, pela graça de Deus, o egoísmo de seu coração. Gál. 2:20.

4. Porque atribui à vida um valor sagrado e torna o homem res-

ponsável pelo santo cuidado e a correta administração de cada aspecto dela. I Tess. 5:23.

5. Porque ensina o crente a administrar e usar tudo que é e possui de modo sábio, fiel e desinteressado, para honra e glória de Deus e proveito do mundo. I Cor. 4:1 e 2.

6. Porque dá valor às coisas materiais, contanto que não sejam um fim em si mesmas, e, sim, um instrumento que contribua para o propósito que Deus tem para este mundo; isto é, *coloca o dinheiro em seu devido lugar*. S. Luc. 19:1-10; 10:29-37.

7. Porque ocasiona um reavivamento espiritual em toda a congregação.

8. Porque liberta o crente do conceito do humanismo que diz que o homem superará os problemas com base na aplicação de sua inteligência e esforço próprio.

Ninguém que se considere um mordomo responsável deixará de

reconhecer a presença de Deus no mundo, nem confiará em suas próprias forças para a solução de seus problemas. Crerá firmemente que o Senhor é a fonte de tudo que somos e temos, e que somente por meio dEle podemos obter o necessário para ser vitoriosos em nossas lutas.

9. Liberta o crente do perigo do materialismo, o qual assevera que as satisfações físicas e materiais constituem a suprema finalidade da vida.

Todo mordomo responsável creará que os bens materiais que Deus colocou em suas mãos lhe foram confiados para ser usados de maneira sagrada; isto é, não se torna um escravo deles, mas procura usá-los para a salvação do homem e para a glória de Deus.

10. Porque torna eficaz um bom programa de igreja. A experiência tem demonstrado isto em muitas ocasiões. ■

ARQUEOLOGIA

Cesaréia Marítima: A Cidade de Herodes.

V. Bailey Gillespie

Professor de Teologia e Personalidade
Cristã na Universidade de Loma
Linda, Califórnia.

Situada nos baixios que cercam o Mediterrâneo, Cesaréia foi reconstruída em grande escala entre 22 a 10 A.C. por Herodes, o Grande, e constituiu a capital da província romana da Palestina durante uns 60 anos. Seus 8.000 acres continham aproximadamente um quarto de milhão de habitantes, um coliseu com uma arena maior do que a do Coliseu de Roma, um porto e um hipódromo com capacidade para mais de 30.000 pessoas sentadas.¹

Por onze anos a Universidade de Loma Linda participou das escavações arqueológicas em Cesaréia Marítima, no território de Israel, patrocinadas pelas Escolas Americanas de Pesquisas Orientais e dirigidas pelo Dr. Robert Bull, da Universidade Drew. Mil e quinhentos voluntários contribuíram para o valioso descobrimento deste importante local. Posto que até agora só tenham sido escavados três acres, as escavações lançaram luz sobre a grande comunidade de cristãos,

judeus e romanos que residiram nessa cidade.

A comunidade de Cesaréia tem uma rica herança bíblica. Era a terra natal de Pôncio Pilatos, prefeito (mais tarde chamado "procurador") da Judéia, e era também o distrito evangelístico de Filipe, um dos sete diáconos escolhidos pela Igreja primitiva. (Ver Atos 6:5.) Parece que ele gostou da natureza metropolitana dessa capital e permaneceu vinte ou mais anos ali, para estabelecer uma valiosa comunidade cristã. Quando o apóstolo passou por Cesaréia no trajeto para Jerusalém, Filipe estava bem estabelecido nessa localidade e tinha quatro filhas com idade suficiente para serem profetisas (Atos 8:40; 21:8 e 9).² As viagens de Paulo às vezes começavam em Cesaréia, e durante todo o seu ministério ele manteve contato com essa grande cidade e sua florescente comunidade cristã que talvez se compunha de umas

quinze mil pessoas, por volta de 66 A.D.³

O evangelho aos gentios foi pregado pela primeira vez em Cesaréia, não por Paulo ou Filipe, mas por Pedro, segundo a narrativa bíblica de Atos 10:34-43. No sermão de Pedro à família de Cornélio temos um vislumbre do *Kerigma* apostólico — a ressurreição e a ascensão de Jesus Cristo. Sua imparcialidade na salvação e o testemunho do plano de Deus dado pelos apóstolos. Esse sermão culminou no batismo de Cornélio, em Cesaréia.

Esta cidade também se destacou no fim da carreira de Paulo. Para sua própria segurança, parece que o apóstolo foi detido em prisão domiciliar, no palácio de Herodes, por dois anos, por ordem do procurador Félix (Atos 23:23 e 35). Festo, sucessor de Félix, também deixou Paulo em reclusão nesse local.

Mais tarde Cesaréia tornou-se um baluarte da incipiente Igreja cristã. Antigos bispos de Cesaréia tinham tais nomes cristãos como Zaquau, Cornélio e Teófilo.⁴ Dois grandes dirigentes de igreja — Orígenes e Eusébio — residiam em Cesaréia. O primeiro passou ali a maior parte de seus últimos vinte anos (230-250 A.D.), escrevendo sua *magnum opus*, a *Hexapla*.⁵ Durante o começo do quarto século, o bispo de Cesaréia era Eusébio, que talvez tenha nascido nessa cidade. Ele labutou vinte e cinco anos ali, e sua *História Eclesiástica* é uma obra clássica.

A natureza cosmopolita dessa grande cidade é evidenciada pela atitude tolerante que existiu ali du-

rante os tempos difíceis da era cristã. Embora as perseguições frequentemente atingissem outras regiões, parece ter havido pouca perseguição da antiga comunidade cristã em Cesaréia. Não há registros de perseguições nessa localidade nos primeiros anos dos decretos romanos (202 a 256 A.D.), mas ocorreram algumas durante os reinados de Valeriano e Diocleciano (303 a 311 A.D.). Afigura-se que essas perseguições não foram muito intensas, e às vezes tinham sido causadas pelos próprios mártires.⁶

As escavações nos forneceram muitas informações sobre a cidade e sua história relacionada com os tempos bíblicos. As descobertas ampliaram nosso conhecimento sobre os procuradores que o governo romano designou para a Judéia. A sede de seu poder ficava em Cesaréia, e a arqueologia ajudou a identificar alguns deles pelas inscrições encontradas nas ruínas de certos edifícios. O título oficial de Pôncio Pilatos foi descoberto numa inscrição latina no anfiteatro: "Prefeito". Este era o título dos governantes romanos até o tempo de Cláudio. Mais tarde passaram a ser chamados de "procuradores". Este achado em Cesaréia proveu a primeira referência secular a esse personagem bíblico.⁷

Um dos principais projetos nas escavações é prover informações a respeito do traçado da cidade. Qual era a aparência de Cesaréia no tempo do Novo Testamento? Escavações anteriores revelaram o teatro da cidade, com o grandioso panorama da área do porto e de parte do litoral. O hipódromo, ou arena de esportes, escavado em meados da década de 1970, era o local em que se realizavam antigos jogos romanos, muito semelhantes aos jogos olímpicos e, como eles, realizados de quatro em quatro anos. Talvez tenha sido ali que Paulo colheu suas ilustrações de natureza atlética usadas em várias epístolas do Novo Testamento. Herodes Agripa I celebrou a inauguração dessa cidade reconstruída com uma grande festa. "Pois ele anunciara uma competição musical e de exercícios atléticos, e preparara um grande número de gladiadores e animais selvagens, e também corridas de cavalos, bem como os profusos espetáculos vistos em Roma e vários outros lugares."⁸ Pode muito bem ter sido durante um desses jogos que Herodes foi ferido de morte por ocasião de uma visita a Cesaréia.⁹

Escavações efetuadas nos verões de 1978-1980 confirmam a extensão da cidade no litoral. A equipe

A natureza cosmopolita dessa grande cidade é evidenciada pela atitude tolerante que existiu ali durante os tempos difíceis da era cristã.

de escavadores encontrou evidências de ruas transversais (*decumani*) que ajudam a calcular o número de quarteirões (ou *insula*) da cidade. Descobriu-se que um dos principais *cardos* (ou ruas) estendia-se da saída (*vomitorium*) do teatro, passando ao longo do litoral e de edifícios públicos, até o que provavelmente era o fórum. Talvez houvesse cerca de 700 grandes colunas ao longo dessa bela rua ajardinada e coberta, de uns 440 metros de comprimento.

Cesaréia era rica em mosaicos, além dos que cercavam a rua principal; foram escavados mais de cinquenta outros. Uma excitante descoberta em 1980 indica a riqueza da arte preservada sob a areia: um calendário adornado com rostos e bustos de mulheres trajando vestes adaptadas às estações do ano. Esses retratos suntuosamente preservados, desde o quinto século, ilustram o esplendor dessa cidade cristã no período bizantino.

Uma das descobertas mais interessantes tem que ver com a oitava galeria subterrânea de estocagem de cereais (*horea*) que Herodes construiu ao longo do complexo portuário, nos tempos do Novo Testamento. No começo de 1973, os escavadores descobriram ali o famoso *Mithraeum*, com o seu medalhão de mármore que retrata o deus Mitra matando seu touro como sacrifício, provando assim que essas galerias foram usadas por soldados romanos ou mesmo por adoradores pagãos.

Houve excitação em 1979 quando a equipe arqueológica encontrou o que passou a ser chamado de

"Galeria dos Santos".¹⁰ Em 1980 tive o privilégio de penetrar com um pequeno grupo na abóbada dessa galeria e participar da experiência da descoberta. Entrando no celeiro pela parte mais alta, resvala-se por um acúmulo de detritos até chegar a um afresco de 14 metros de comprimento na parede situada a oeste, um dos maiores que já foram descobertos no Oriente Médio. Seus contornos vermelhos e pretos denotam que o projeto artístico talvez nunca tenha sido completado. Uma tênue camada de reboco, de origem árabe, cobria o afresco. Com o auxílio de palitos de dentes, removemos o reboco com todo o cuidado, e encontramos uma inscrição grega e treze personagens. O do centro, maior do que os demais, está sentado, ao passo que os outros seguram cruzeiros. Diante deles está o que parece ser uma mesa. O óbvio aspecto religioso, e mesmo cristão, é surpreendente. Evidentemente, os cristãos, assim como os pagãos tornaram a usar essas galerias subterrâneas para prestar culto. Se isso constitui uma representação da ceia da paixão, ou se é simplesmente um grupo de pessoas piedosas, ainda é especulativo, mas a experiência é profundamente comovedora.

À medida que o traçado da cidade se tornar mais nítido e prosseguirem as escavações nas áreas desses depósitos, é provável que as informações obtidas proporcionarão maior compreensão ainda dessa grande comunidade cristã. ■■

Bibliografia

1. Robert Bull, *The Archaeology Diary*, I, N° 1 (Nova Jersey: Drew Institute of Archaeological Research, primavera de 1980), pág. 1.
2. Ver Ato 21:8 e 9. Eusébio, *Ecclesiastical History*, 3, N°s 31 e 39; F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles* (Londres: 1952), pág. 387.
3. L. Haefeli, *Caesarea Am Meer* (Munster, Alemanha: 1923), pág. 30.
4. C. H. Turner, *Journal of Theological Studies* (1900), págs. 181-200, 529-553; (1926-27), págs. 103-134.
5. Lee Levine, *Caesarea Under Roman Rule* (Leyden: E. J. Brill, 1915), pág. 113.
6. Charles T. Fritsch ed., *The Joint Expedition to Caesarea Maritima*, vol. 1 (Missoula, Montana: Scholars Press, 1975), págs. 26-28.
7. Benjamin Mazar, *The Mountain of the Lord* (Garden City, N. J.: Doubleday and Company, 1975), págs. 81 e 82.
8. Josefo, *Antiquities*, XVI, 5, 1, págs. 137 e 138.
9. Ato 12:21-23; Josefo, *Antiquities*, XIX, 8.2.
10. Bull, *The Archaeological Diary*, pág. 3.

MINISTÉRIO

ADVENTISTA

Uma Revista para Pastores e Obreiros

SET/OUT 83



NÚMERO 5